

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)
CURSO DE JORNALISMO

HEULER REIS RODRIGUES

AS NARRATIVAS DA GUERRA NA UCRÂNIA PELOS VEÍCULOS DE IMPRENSA
RUSSIA TODAY E BBC

UBERLÂNDIA
2023

HEULER REIS RODRIGUES

AS NARRATIVAS DA GUERRA NA UCRÂNIA PELOS VEÍCULOS DE IMPRENSA
RUSSIA TODAY E BBC

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Profa. Dra. Ana Paula de Moraes Teixeira

UBERLÂNDIA

2023

HEULER REIS RODRIGUES

AS NARRATIVAS DA GUERRA NA UCRÂNIA PELOS VEÍCULOS DE IMPRENSA
RUSSIA TODAY E BBC

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Paula de Moraes Teixeira – FACED/UFU

Profa. Dra. Vanessa Matos dos Santos – FACED/UFU

Profa. Dra. Adriana Cristina Omena dos Santos – FACED/UFU

Uberlândia, 13 de junho de 2023

Dedico esta monografia ao meu irmão gêmeo, camarada de luta e de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de forma sincera a todos que direta ou indiretamente contribuíram em minha vida para chegar até aqui e em especial a meu irmão Helder, com quem tenho compartilhado esta jornada chamada vida desde o momento da concepção.

Agradeço a Deus por ter me enviado com um camarada luta tão fiel e a quem dispenso profunda lealdade e camaradagem para todos os desafios que a vida nos impôs até agora. O caminho não foi e não tem sido para nada fácil, mas com apoio mútuo – inclusive para concluir esta monografia – temos avançado passo a passo em nossa história. Não sei o que seria de mim sem esse grande irmão e sincero amigo.

Que todos pudessem contar com a boa sorte de que Deus os enviasse tal sorte de companheiro para acompanhar a trajetória nesta Terra do primeiro até, eventualmente, o último suspiro.

Agradeço a minha mãe que suportou tantas adversidades na criação de quatro filhos homens e nunca se rendeu a nenhuma delas em prol da criação da família. Nunca tivemos luxo, mas sempre tivemos muito amor proporcionado por essa guerreira. Pela senhora daria minha vida sem titubear, pela senhora faço tudo e pela senhora não desisto de lutar para alcançar meus objetivos e vê-la satisfeita. Depois de Maria, és sem dúvida para mim a mulher mais importante a pisar sobre a Terra. Tens minha devoção irrestrita e lealdade eterna, pois o amor que recebi de ti só me instiga a devolvê-lo em dobro

Agradeço a minha madrinha que, Daniela, e ao meu padrinho Marcelo, por incentivarem a minha caminhada e por acreditarem em mim. Tive a sorte de poder escolhê-los como padrinhos ao me batizar já adulto como católico.

Agradeço profundamente a minha professora orientadora Ana Paula que como uma verdadeira amiga acreditou em mim, no meu trabalho e contribuiu de forma decisiva para a conclusão desta monografia. Sinto-me muito afortunado por ter tido uma orientadora com quem me senti compreendido e pude compartilhar essa jornada acadêmica, além de ter ganhado uma amiga para a vida.

Agradeço a mim mesmo por prosseguir de cabeça erguida nesta verdadeira luta que é a vida. Sei que não foi fácil, mas as adversidades da vida e todo o amargor formaram e forma uma resistência para as pressões mais diversas. Agradeço-me por não ter desistido, sou grato por seguir lutando o bom combate e por fazê-lo sempre com lealdade e prezando a justiça.

Gratidão também ao Estado brasileiro, de quem sou um fiel cidadão e soldado.

RODRIGUES, Heuler Reis. **As Narrativas da Guerra na Ucrânia pelos Veículos de Imprensa *Russia Today* e *BBC***. 79 p. Monografia (curso: Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2023.

RESUMO

Em 24 de fevereiro de 2022 as forças russas iniciaram o que, na mídia Ocidental convencionou-se chamar por Invasão da Ucrânia, e na mídia russa convencionou-se chamar por Operação Militar Especial. O presente trabalho de conclusão de curso analisa o conteúdo das emissoras *Russia Today* (RT) e *British Broadcasting Corporation* (BBC) a respeito das razões, segundo a ótica de cada uma, que levaram ao conflito militar no teatro de operações ucraniano entre a Federação Russa e a Ucrânia. O objetivo da presente monografia é identificar as narrativas divergentes presentes nos vídeos selecionados para esta pesquisa de RT e BBC por meio de uma pesquisa descritiva e a elaboração de um quadro comparativo com os argumentos das narrativas de ambas as empresas sobre eventos-chave a fim de identificar como serem de propriedade de seus governos influencia ou não na sua objetividade e imparcialidade jornalística. A partir da análise é possível observar distorções, omissões e inverdades nos elementos argumentativos da narrativa de RT e BBC, além de elementos presentes em ambas de Diplomacia Pública e, no caso da RT, argumentos contra hegemônicos também orientam a construção da sua narrativa dos motivos que levaram ao conflito no Leste Europeu. Preservar os espaços de contestação, tendo acesso a diferentes perspectivas dos acontecimentos, se faz crucial, visto que a imparcialidade no jornalismo, e em especial das empresas citadas, é somente um idealismo. Tolher esses espaços do contraditório abre margem para um atrofiamento do senso crítico e a criação de consenso ditada pelos grupos de poder, nesse caso de poder geopolítico.

Palavras-chave: Narrativa. Manipulação. Guerra na Ucrânia. RT. BBC.

RODRIGUES, Heuler Reis. **The Narratives of the War in Ukraine by the Media Outlets Russia Today and BBC**. 79 p. Monografia (curso: Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2023.

ABSTRACT

On February 24, 2022, Russian forces began what is conventionally referred to as the Invasion of Ukraine in Western media, and as the Special Military Operation in Russian media. This thesis analyzes the content of the Russia Today (RT) and British Broadcasting Corporation (BBC) broadcasters regarding the reasons, from each perspective, that led to the military conflict in the Ukrainian theater of operations between the Russian Federation and Ukraine. The objective of this dissertation is to identify the divergent narratives present in the selected videos from RT and BBC through descriptive research and the creation of a comparative framework with the arguments of both companies' narratives about key events, in order to identify how being government-owned influences their journalistic objectivity and impartiality. Through the analysis, distortions, omissions, and falsehoods in the argumentative elements of RT and BBC narratives can be observed, as well as the presence of Public Diplomacy elements in both, and in the case of RT, counter-hegemonic arguments also guide the construction of its narrative regarding the motives that led to the conflict in Eastern Europe. Preserving spaces for dissent and having access to different perspectives on events is crucial, as impartiality in journalism, especially in the mentioned companies, remains an idealism. Suppressing these spaces for opposing views opens the door to the atrophy of critical thinking and the creation of consensus dictated by groups of power, in this case, geopolitical power.

Key-words: Narrative. Manipulation. War in Ukraine. RT. BBC.

RODRIGUES, Heuler Reis. **Нарративы войны в Украине в средствах массовой информации *Russia Today* и *BBC***. 79 p. Monografia (curso: Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2023.

АННОТАЦИЯ

24 февраля 2022 года российские вооруженные силы начали то, что обычно называется в Западных СМИ «Вторжение в Украину», а в российских СМИ - «Специальная военная операция». В данной диссертации анализируется содержание передач *Russia Today* (RT) и Британской Корпорации Вещания (BBC) в отношении причин, с точки зрения каждой стороны, которые привели к военному конфликту на территории боевых действий Украин Российской Федерацией и Украиной. Цель данной диссертации заключается в понимании расходящихся нарративов, присутствующих в выбранных видеозаписях RT и BBC через описательное исследование и создание сравнительной структуры с аргументами нарративов обеих компаний о ключевых событиях с целью понять, как влияет принадлежность к государству на их журналистскую объективность и беспристрастность. Через анализ можно наблюдать искажения, пропуски и ложные утверждения в аргументирующих элементах нарративов RT и BBC, а также присутствие элементов Публичной Дипломатии в обоих случаях, и в случае RT, контргегемонические аргументы также руководят формированием их нарратива о причинах, приведших к конфликту в Восточной Европе. Сохранение пространства для дискуссии и доступа к различным точкам зрения на события крайне важно, так как объективность в журналистике, особенно в упомянутых компаниях, остается идеализмом. Подавление этих пространств для противоположных мнений открывает двери для атрофии критического мышления и создания консенсуса, диктуемого группами власти, в данном случае, геополитической властью..

Ключевые слова: Нарратив. Манипуляция. Война в Украине. RT. BBC.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Twitter da Google Europa anunciando banimento das mídias de imprensa russa	28
Figura 2 - Captura de tela de trecho da matéria da RT, referendos no Donbass.....	38
Figura 3 - Captura de tela de trecho de matéria da BBC, região do Donbass demarcando suas autoproclamadas repúblicas populares.....	38
Figura 4 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, vítimas dos alegados ataques ucranianos no Donbass	39
Figura 5 - Captura de tela de trecho de matéria da BBC, desfile militar das milícias de Donetsk com equipamento militar russo.....	39
Figura 6 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração do ex-presidente da França, Hollande, sobre os acordos de Minsk em 2022 parte 1	41
Figura 7 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração do ex-presidente da França, Hollande, sobre os acordos de Minsk em 2022 parte 2	42
Figura 8 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração da ex-chanceler da Alemanha, Merkel, sobre os acordos de Minsk em 2022.....	43
Figura 9 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração do ex-presidente da Ucrânia, Poroshenko, sobre os acordos de Minsk em 2022.....	44
Figura 10 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração da ex-chanceler da Alemanha, Merkel, sobre os acordos de Minsk em 2015.....	46
Figura 11 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração do ex-presidente da França, Hollande, sobre os acordos de Minsk em 2015.....	47
Figura 12 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração do ex-presidente da Ucrânia, Poroshenko, sobre os acordos de Minsk em 2015.....	47
Figura 13 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração do presidente da Rússia sobre as responsabilidades da guerra na Ucrânia e os acordos de Minsk em 2022	49
Figura 14 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, citando algumas das garantias de segurança requisitadas pela Rússia junto à OTAN parte 1	50
Figura 15 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, citando algumas das garantias de segurança requisitadas pela Rússia junto à OTAN parte 2	51
Figura 16 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, citando declaração de Wendy Sherman, Secretária Adjunta de Estado dos EUA, quanto ao não veto à Ucrânia para entrar na OTAN ...	52
Figura 17 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, com suposto diálogo entre James Baker, ex- secretário Adjunto de Estado dos EUA, com o ex-presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev acordando a não expansão da OTAN parte 1.....	53

Figura 18 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, com suposto diálogo entre James Baker, ex-secretário Adjunto de Estado dos EUA, com o ex-presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev acordando a não expansão da OTAN parte 2.....	54
Figura 19 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, com suposto diálogo entre James Baker, ex-secretário Adjunto de Estado dos EUA, com o ex-presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev acordando a não expansão da OTAN parte 3.....	55
Figura 20 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, com suposto diálogo entre James Baker, ex-secretário Adjunto de Estado dos EUA, com o ex-presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev acordando a não expansão da OTAN parte 4.....	56
Figura 21 - Captura de tela de trecho de matéria da BBC, citando entrevista de Gorbachev à BBC em 2014 desmentindo alegada traição da OTAN ao alegado acordo de não expansão da Aliança	53
Figura 22 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, mostrando tamanho da OTAN na década de 1990	57
Figura 23 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, mostrando tamanho da OTAN atualmente	58
Figura 24 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, mostrando tamanho da OTAN na década de 1990 e atualmente	57
Figura 25 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, mostrando os protestos de rua na Ucrânia em 2014	59
Figura 26 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, mostrando imagens de apoiadores da Rússia no referendo de anexação da Crimeia pela Federação Russa em 2014 parte 1.....	60
Figura 27 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, mostrando imagens de apoiadores da Rússia no referendo de anexação da Crimeia pela Federação Russa em 2014 parte 2	61
Figura 28 - Captura de tela de trecho de matéria da BBC, mostrando apoiadores da Rússia tomando de assalto edifícios públicos na região ucraniana do Donbass	61
Figura 29 - Captura de tela de trecho de matéria da BBC, Putin assinando a anexação formal da Crimeia pela Federação Russa em 2014.....	62
Figura 30 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, com imagens de Odessa e a repressão aos protestos de apoiadores russos em 2014	63
Figura 31 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, relato de um residente de Odessa sobre a repressão aos protestos de apoiadores russos em 2014	64
Figura 32 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, com declaração do ex-presidente do comitê de inteligência da câmara dos representantes dos EUA sobre a natureza do apoio à Ucrânia no ano de 2020	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Análise descritiva e comparativa	37
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A NARRATIVA.....	15
3. JORNALISMO PATROCINADO PELO ESTADO – RT E BBC	22
3.1 A ‘verdade’	26
4. METODOLOGIA E ANÁLISE	31
4.1 Pesquisa descritiva.....	34
5. CONCLUSÃO.....	68
REFERÊNCIAS.....	72
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA REPORTAGEM DA RT “<i>Historical events that led to the start of the Ukraine conflict</i>”	75

1 INTRODUÇÃO

Em 24 de fevereiro de 2022 as forças russas iniciaram o que, na mídia Ocidental convencionou-se chamar por Invasão da Ucrânia, e na mídia russa convencionou-se chamar por Operação Militar Especial.

Os motivos que levaram ao conflito armado no país do leste europeu entram em choque na tessitura de suas narrativas nas mídias, com o chamado Ocidente falando de uma “agressão não-provocada”, enquanto os russos chamam de uma operação militar que visa defender, em última instância, o seu país de uma escalada de agressões vindas do “Ocidente coletivo”.

A vilificação do outro, a desumanização do inimigo, as omissões e distorções de informações, a criação de uma causa nobre e justa que justifique a ação militar, são elementos do que se passa a utilizar na construção narrativa quando há um enfrentamento bélico.

A imprensa e as agências de notícias não possuem a imparcialidade como regra, contam os fatos a partir de uma ótica, de um lugar, de uma percepção, de pré-conceitos já estabelecidos.

No caso do conflito ucraniano, quais as possíveis narrativas criadas por agências de notícias pertencentes a Estados quando seus governos se veem em lados opostos, seja em apoio militar, seja na retórica, ou no teatro de operações propriamente dito?

É necessário compreender as divergências das narrativas, como diferem, como são construídas e por quais processos passam, para entendermos como a construção da estória é influenciada pela retórica política, em específica quando tratamos de agências de notícias que pertencem de fato a governos.

Ao comparar os argumentos narrativos sobre um mesmo evento, será possível averiguar melhor essas possíveis influências supracitadas no trabalho jornalístico que, idealmente, deveria ser imparcial.

Também buscaremos entender como a história é contada quando ouvimos um lado e o outro em oposição em um contexto de conflito como no caso da Ucrânia e como a narrativa dos eventos se constrói para o público internacional por meio da RT e BBC, ambas patrocinadas por seus governos, opostos no conflito no país do leste da Europa de modo a possivelmente justificar as ações daqueles governos.

Outro ponto a ser abordado é como as agências, para além de justificarem as ações de seus países e a justiça de suas causas, também operam para minar a confiança do público do país adversário concomitante em melhorar a própria imagem junto a essa população.

Desde quando era criança fui fascinado com a história do mundo, mais especificamente a história das nações, o apogeu dessas e as suas quedas. Evidentemente que quanto mais lia, mais percebia que a destruição que levava ao fim de uma sociedade e a possibilidade do nascer de outra envolvia em grande parte os conflitos bélicos.

Muitas vezes estive imerso em leituras na internet sobre como eram os fatos, a história que se desenrolava até o *grand finale* de um império do Mundo Antigo, da Idade Média e por fim cada vez me aproximava das leituras sobre os tempos modernos.

Lembro-me de fazer perguntas aos professores de História sobre as implicações políticas de conflitos bélicos mais recentes, como a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria e as diversas guerras por procuração das grandes potências globais que se estenderam pela metade final do século XX.

Conforme ia crescendo e adquiria acesso à internet, aprofundava minha curiosidade e interesse, agora não somente nos conflitos por si mesmos, mas cada vez mais no xadrez político que envolvia as forças de potências político-militares opostas.

Nas aulas de História, os professores falavam sobre as narrativas criadas por ambos os lados, que tinham como objetivo justificar a carnificina da guerra: Ou por Deus, ou pela pátria, em solidariedade a um aliado atacado “injustamente”, para proteger as terras do país do invasor estrangeiro, para eliminar um agressor em potencial... O que fosse necessário para mobilizar a opinião pública de forma favorável à guerra e tornar justificáveis os atos de violência que se seguiriam nos campos de batalha.

Segundo o Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Leonardo Guedes Henn, a Segunda Guerra Mundial inaugurou uma sofisticada máquina paralela à guerra bélica, a de luta pela conquista da consciência das populações em uma guerra propagandística que tomou o foco central do conflito. A propaganda, com a construção de uma narrativa de justificativa para a guerra, estava em todos os veículos de comunicação.

Durante a II Guerra Mundial, o relacionamento entre os militares e os meios de comunicação foi caracterizado pela cooperação e o compromisso a uma mesma causa. John Steinbeck, um correspondente de guerra na época, explicou, de forma simples, essa caracterização, quando disse, “Éramos todos parte do esforço de guerra. Não apenas aceitávamos a guerra como também a fomentamos (HENN, 2013, p. 28).

Em 2011, após a chamada Primavera Árabe, que estremeceu o Oriente Médio com protestos de rua contra governos alegadamente autocráticos, comecei a acompanhar pela televisão a agora internet em minha casa, a Guerra Civil da Síria.

O conflito, que oficialmente se arrasta até hoje no ano de 2023, chamou a minha atenção novamente, pelos motivos supracitados de movimentação do xadrez geopolítico global.

Passei a perceber duas “histórias” sobre o mesmo conflito: uma repercutida na televisão, na qual o presidente sírio Bashar Al-Assad era unanimemente taxado como um ditador sanguinário, enquanto outra mais repercutida em fóruns de discussão política e na plataforma YouTube o tratavam como uma vítima de um conluio internacional do Ocidente – a saber Europa e Estados Unidos –, para derrubar mais um governo rico em recursos naturais naquela região.

O mesmo conflito de versões, nos mesmos veículos e espaços, dava-se quando o assunto era a Guerra Civil da Líbia, com os mesmos elementos que recorro em minha memória: ‘Ocidente apoia a queda de um autocrata em prol da liberdade e democracia naquela nação’ versus ‘líder nacional sendo deposto por um conluio internacional atrás de recursos e manutenção de influência geopolítica’.

A divergência de narrativas, a qual só se consegue ter acesso “ao outro lado” por meio da internet, passou a cada vez mais captar a minha atenção e fascínio. Não somente isso, mas como era produzido um discurso quase uníssono de um lado a outro dos conflitos. A situação se repetiria novamente na ocupação da Crimeia pela Federação Russa no ano de 2014.

No contexto atual do conflito ucraniano passo a ter acesso aos novos fatos da guerra na Ucrânia – para além do que via veiculado nos veículos jornalísticos tradicionais –, em uma espécie de mescla entre informações de curadorias de especialistas militares, fontes oficiais e analistas, tanto russos como ucranianos, por meio principalmente de canais no Telegram¹ e no Twitter.

Ao estar inserido nesse meio alternativo de informações, novamente vejo um choque de narrativas e discursos entre Ocidente e um adversário geopolítico, agora por meio de suas mídias, que mostram uma versão enquanto buscam suprimir ou desacreditar a versão adversária sobre os eventos no teatro de operações ucraniano.

¹ Apesar de serem conhecidos como meio de desinformação no Brasil, o Telegram é um dos meios mais populares de compartilhamento de notícias usado por veículos de mídia tradicionais e independentes – especialmente no mundo russófono. Sendo assim também fonte de informações verídicas.

A guerra da Ucrânia, segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados ou Agência da ONU para Refugiados (UNHCR) de 1º de novembro de 2022, foi responsável por deslocar mais de 14 milhões de refugiados do conflito para fora daquele país.

É uma das maiores crises de refugiados do século, sendo relevante na história recente do mundo. O referido conflito, que ceifou milhares de vidas e deslocou milhões de pessoas, possui narrativas por meio das mídias ocidentais e russas, para tentar justificar a sua continuação e é relevante entender qual a diferença entre elas.

Além disso, ao utilizar descritores como “guerra ucrânia narrativas” no repositório científico Scielo e no Portal periódicos CAPES, verifiquei que há poucos trabalhos que falem sobre um tema tão recente, com dois e nove resultados respectivamente, mas de alto impacto na vida da sociedade global, e esta monografia tem por objetivo contribuir no estudo das narrativas de guerra e como o trabalho jornalístico pode ser influenciado por Estados no contexto de um conflito de interesses geopolíticos.

Os objetivos desta monografia são o de permitir a compreensão das divergências entre as narrativas divulgadas pelos veículos *Russia Today* e BBC sobre a guerra na Ucrânia, em especial nos elementos argumentativos da narrativa do que seriam as razões alegadas pelos veículos para o que levou ao confronto bélico no país do leste europeu.

Para isso, nos capítulos seguintes será explicada o que são narrativas, como são construídas e como denotam parcialidade por parte de quem conta uma versão que representa um evento da realidade, como uma atividade jornalística patrocinada pelo Estado tende à execução da Diplomacia Pública, a manutenção de um consenso, o confronto narrativo que visa influenciar o público do adversário e a importância do espaço para a contestação.

Existir espaço para contestação é importante, e em especial para o contexto que envolve esta presente pesquisa, que são as hostilidades militares decorrentes atualmente na Ucrânia, com os holofotes globais cobrindo os acontecimentos do teatro de operações e dando suas interpretações do que ali ocorre. Do contrário só se recebe uma versão, mantendo um consenso que interessa aos donos do poder, enquanto declina o senso crítico da sociedade.

Na parte de análise serão comparadas as abordagens da RT e BBC sobre eventos que levaram ao conflito da Ucrânia por meio de um quadro comparativo de análise descritiva para a interpretação de divergências entre os argumentos à luz dos autores reunidos na monografia.

Com a identificação de divergências, será interpretada a intenção por trás do argumento e como as agências fazem a Diplomacia Pública e o uso de argumento contra hegemônico para influenciar a audiência fora de seus países.

2 A NARRATIVA

De acordo com o Dicionário Houaiss, o verbo narrar tem origem no verbo latino narro, 'as, āvi, ātum, āre, que significam: contar, expor narrando, narrar, dar a saber. É derivado do adjetivo gnārus “que conhece, que sabe”. Para Bérardier de Bataut na sua obra *Entretiens sur la manière de raconter* (1776) narrativa é definida pelo conteúdo que é uma “exposição pormenorizada de um fato verdadeiro ou inventado” e pela sua finalidade de “instruir os seus leitores ou ouvintes”.

Segundo Gérard Genette (1972, p. 23), “designa o enunciado narrativo, o discurso oral ou escrito que assume a relação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos”. Genette também explora o conteúdo de uma narrativa em si, definindo como “a sucessão de acontecimentos, reais ou fictícios, que constituem o objecto desse discurso, e as suas diversas relações de encadeamento, de oposição, de repetição, etc”.

Além disso, Genette (1972, p. 23) também considera que o conceito de narrativa poderá ser também visto como o ato de narrar em si mesmo, “um acontecimento: não aquele que se conta, mas aquele que consiste em que alguém conte alguma coisa”.

Como discorre Motta, o ato de narrar e produzir narrativas está presente na história humana de forma enraizada, sendo uma atividade compartilhada entre diferentes povos ao redor do globo:

O homem narra: narrar é uma experiência enraizada na existência humana. É uma prática humana universal, trans-histórica e pancultural. Narrar é um metacódigo universal. Vivemos mediante narrações. Todos os povos, culturas, nações e civilizações se constituíram narrando. Construimos nossa biografia e nossa identidade pessoal narrando. Nossas vidas são acontecimentos narrativos. O acontecer humano é uma sucessão temporal e causal. Vivemos as nossas relações conosco mesmos e com os outros narrando. Nossa vida é uma teia de narrativas na qual estamos enredados (MOTTA, 2013, p. 17).

A humanidade se vale da narrativa como uma maneira de construir a percepção do mundo à sua volta. Não somente o mundo como um elemento externo a si, mas também como um fator de construção de si próprio, da sociedade como um todo, o conjunto de crenças, valores, dando um sentido à vida humana

Quando narramos algo, estamos nos produzindo e nos constituindo, construindo nossa moral, nossas leis, nossos costumes, nossos valores morais

e políticos, nossas crenças e religiões, nossos mitos pessoais e coletivos, nossas instituições. Estamos dando sentido à vida. Aquilo que incluímos ou excluímos de nossas narrações depende da imagem moral que queremos construir e repassar (MOTTA, 2013, sp).

A escolha do narrador daquilo que é mais conveniente para si ou para um grupo de elementos que compõe a narrativa e, portanto, irá influenciar o outro que ouve ou lê aquela versão de um ou vários acontecimentos, amarrados em uma história – ou sua versão – é descrito por Trigo (2018) como algo a ser reconhecido, é a parcialidade que todas as narrativas possuem.

Todas as narrativas, segundo ele, possuem elementos verdadeiros e mentirosos, distorções e emoções, sejam fruto de uma ação dolosa ou culposa. De acordo com Trigo (2018, p. 14) “Narrativas não são decalques da realidade: são ficções mais ou menos verossímeis sobre essa realidade, que atendem a determinados interesses em detrimento de outros”. Não há, portanto, só mentiras, mas elementos da verdade ressaltados e omitidos.

Motta (2013) indica que são mais que meras representações, as caracterizando como estruturas que preenchem de sentido a experiência e dão significado à vida humana. Para além, o autor também diz que por meio do ato de narrar os indivíduos constroem o passado, o tempo presente e projetam o futuro. “As narrativas criam o ontem, fazem o hoje acontecer e justificam a espera do amanhã. A coerência narrativa cria o tempo, o nosso tempo” (MOTTA, 2013, sp)

Tendo em conta a parcialidade das narrativas, os motivos diversos de cada narrador ao contar a versão de algo, a construção de uma narrativa envolve jogos de poder, não só do indivíduo, mas também de um grupo coletivo de indivíduos na busca de forjar a realidade à sua “história oficial”, de modo que por toda a história vemos exemplos de grupos, por meio desse mecanismo, justificando suas ações passadas, presentes ou futuras.

Uma narrativa se constrói com o tempo, pacientemente, mas tem efeitos prolongados. Ela diz respeito àquilo que cada indivíduo percebe como um conjunto de valores, crenças e convicções essenciais e incontestáveis, porque estruturantes de sua própria identidade.

Por isso mesmo, uma narrativa vai muito além de afirmar como verdadeira uma mentira, ou como mentira uma verdade, como ocorre na guerra de informação: ela confere sentido à vida das pessoas, proporciona a elas um senso de pertencimento, de integridade, de identidade, de propósito, dá a elas, em suma, uma razão de viver.

Isso explica por que é tão difícil abandonar uma narrativa na qual se apostou tanto; ainda mais difícil é reconhecer que essa narrativa estava errada: a experiência demonstra que, depois que alguém associa – psicologicamente,

emocionalmente, socialmente, simbolicamente – sua própria identidade como indivíduo ao papel de agente de uma narrativa, reverter esse processo tem um custo emocional altíssimo. (TRIGO, 2018, p. 52).

Para Motta (2013, p, 19) “Sujeitos, grupos e instituições narram ou interpretam desde lugares históricos, posições de poder, onde um é narrador e o outro destinatário, posições que per se implicam já uma correlação de forças”.

Contudo, Motta ressalta que não quer dizer de forma direta que há uma situação necessariamente de desigualdade, dominação política ou discursiva, com cada situação implicando uma correlação social e comunicativa própria e particular. Segundo o autor, uma análise rigorosa dessa comunicação narrativa no contexto em que ela está configurada tem a possibilidade de revelar esse jogo de poder e demonstrar a correlação das forças presentes nas relações discursivas entre os indivíduos e entre o coletivo.

Ainda segundo o autor, a narrativa é “uma forma de empalavrado dramatizado da realidade imediata para ajudar o homem e às coletividades a se situarem no mundo e na história” (MOTTA, 2013, p. 70).

A narrativa exerce papel importante, pois permite ao ser humano duvidar e questionar a própria realidade por meio de suas narrações, sendo a linguagem o instrumento que transmite essa mensagem.

No capítulo três da supracitada obra, o escritor descreve que uma narrativa, seja ela ficcional ou realista, conta com acontecimentos que são performados por personagens. Tais personagens realizam ações que são realizadas também pelas pessoas que recebem aquela narrativa.

Além disso, a própria construção desses personagens e suas ações dentro daquilo que é narrado são uma representação da conduta humana, sendo o que fornece a quem narra a matéria-prima e seus modelos.

“Ao narrar, alguém está explorando na sua imaginação possíveis desenvolvimentos (reais ou ficcionais) das condutas e comportamentos humanos, que os teóricos chamam de atividade mimética (ou imitação)” (MOTTA, 2013, p. 72).

Para Ricoeur (apud MOTTA, 2013, p.72), a mimese, ou imitação narrativa, pode ser definida como metáfora da própria realidade, não tendo como objetivo tornar-se uma cópia dessa, mas atribuindo a essa um novo significado.

Os significados provêm não só dos processos de recriação mimética, mas também da relação inversa, da identificação virtual que ocorre em toda narrativa, da transposição catártica que as pessoas fazem das histórias narradas para as suas próprias experiências.

Quando escutamos (oralidade, canção, rádio), quando assistimos (teatro, filme, telenovela, telejornal) ou quando lemos uma história (jornal, revistas, livro) estamos na história, e recriamos a sua significação a partir da relação que fazemos com os nossos próprios valores e nossa memória cultural.

Essa transmutação entre o mundo da história narrada e o mundo da vida não parece ter-se modificado no ambiente virtual das narrativas atuais, mesmo das narrativas voláteis na internet.

As histórias virtuais, ainda que guardem distintas características, seguem envolvendo os receptores e eles prosseguem recriando na imaginação suas próprias significações a partir do que ouvem, leem ou veem nos blogs ou redes sociais, embora em moldes diferentes. (MOTTA, 2013, p. 73).

Aquele que narra, segundo Motta (2013), evoca eventos conhecidos, seja os inventando, ou pelo fato de tê-los vivenciado e/ou presenciado. Também o faz revelando uma tendência de se distanciar autonomamente e de exteriorização temporal, mas sempre narrando de uma forma como se tivesse presenciado aquilo que conta.

Assim, formar uma narrativa também é uma técnica para enunciar de forma dramática a realidade e envolver aquele que ouve aquilo que é narrado, não sendo apenas um ato dotado de ingenuidade de contar uma história.

[Narrar] é uma atitude argumentativa, um dispositivo de linguagem persuasivo, sedutor e envolvente. Narrar é uma atitude – quem narra quer produzir certos efeitos de sentido através da narração. (MOTTA, 2013, p. 74).

Segundo Bruner (1998 apud MOTTA, 2013, p. 74) as histórias, independente de sua veracidade, possuem um papel social de dar significado a “condutas canônicas”, ou seja, aquilo que seria socialmente apazível, e às “condutas excepcionais”, ou seja, aquilo que são considerados comportamentos desviantes da norma social, sendo as narrações uma mediação entre esses universos de condutas, reiterando as normas.

As narrativas, apresentadas em telenovelas, jornalismo, cinema, literatura etc., não são desprovidas de intencionalidades, portanto. Como cita o autor, fazendo analogia a um julgamento em uma corte, com promotoria e defesa tentando convencer ao júri de que a sua narrativa dos fatos é a que corresponde ao que verdadeiramente ocorreu. “É um dispositivo

argumentativo de linguagem para convencer, provocar efeitos, mudar o estado de espírito de quem ouve, lê ou vê uma história” (MOTTA, 2013, p.74)

Bruner (1998) indica que alguns psicólogos afirmam que o ser humano possui um impulso interior para organizar suas experiências em formato narrativo que antecede a própria aquisição da linguagem, visto que as crianças pequenas muitas vezes usam gestos e expressões faciais para contar histórias e se comunicar com os outros.

As crianças são eminentemente narradoras bem antes de adquirir habilidades linguísticas para narrar oralmente. Os gestos, a entoação, os grunhidos e os primeiros 'monossílabos' do bebê são, de fato, 'narrativas' na medida em que o bebê dá forma ao mundo ao seu redor em padrões coerentes" (BRUNER, 1998, p. 26).

Bruner argumenta que a narrativa é uma forma poderosa de organizar a experiência e dar-lhe significado, influenciando a forma como as pessoas pensam sobre o mundo e tomam decisões, antecedendo e transcendendo a aquisição da linguagem, “e continua a existir mesmo quando a habilidade linguística começa a declinar em decorrência da velhice ou de lesão cerebral” (BRUNER, 1998, p. 19).

Para Gergen (1996) os seres humanos organizam e atribuem sentido à realidade por meio de narrativa, querendo alcançar um objetivo ainda que distante ou inconsciente.

“Narrativa é um meio básico pelo qual a mente humana organiza e dá sentido às experiências. Sonhamos narrando, imaginamos narrando, recordamos narrando e recontamos narrando" (GERGEN, 1996, p. 33).

Para Motta (2013), os humanos em suas expressões linguísticas se expressam a partir de construções de blocos coesos semanticamente que dão consistência às histórias. Esse fato espontâneo e intuição narrativa demonstram que a própria narração é algo universal e transcultural da humanidade, com análogos em todas as culturas, sendo basicamente uma fatalidade de narrar.

Ainda de acordo com ele, as narrativas possuem uma lógica que são um agrupamento de unidades, coesinadas sintaticamente “ao serem articuladas em sequências e intrigas dramáticas” (MOTTA, 2013, p.81)

“Organizadas narrativamente, as intrigas produzem significados, interpretações da realidade, proporcionam inteligibilidade à natureza, e às relações humanas. Mas são os sujeitos que fazem isso, conforme suas intenções e desejos” (MOTTA, 2013, p. 81)

Discursos narrativos são construídos por meio de estratégias de comunicação e se valem de recursos linguísticos e extralinguísticos para cumprir objetivos e intenções daquele que narra.

Vê-se que a organização narrativa do discurso é espontânea e intuitiva, mas não é aleatória, sendo realizada em contextos políticos, pragmáticos, com a produção de efeitos conscientes ou inconscientes desejados pelo narrador.

Desta forma, a comunicação narrativa produz uma relação entre os interlocutores e tem como pressuposto um universo compartilhado e uma cultura em comum para a sua efetividade. “Narrativas e narrações são formas de exercício de poder e de hegemonia” (MOTTA, 2013, p. 82).

Toda narrativa é uma representação e uma construção discursiva da realidade. São representações mentais organizadas na forma linguística com base em experiências da vida. Independentemente de serem fictícias ou baseadas em fatos, sempre serão construções de sentido em cima de um mundo, seja ele um mundo real ou imaginado.

Em caso de a narrativa relatar uma história real, ainda o fará sendo uma construção discursiva sobre elementos presentes no mundo, sendo uma de tantas versões possíveis sobre aqueles episódios relatados. “[...] as narrativas são sempre construções discursivas, sejam fáticas ou fictícias” (MOTTA, 2013, p. 82).

De acordo com o autor, as narrativas sobre o mundo, seja ele físico, histórico ou ficcional, são discursos, percepções e descrições, não o mundo em si. A maneira como descrevemos o mundo é sempre uma percepção particular dele, não sendo necessariamente ele, mas uma forma de percebê-lo e contá-lo.

Ainda no terceiro capítulo da obra de Motta, o autor fala sobre o contexto contemporâneo de como a humanidade, consolidando cada vez mais um conhecimento indireto do mundo, o fazendo por meio de linguagens (verbais, gestuais, visuais, sonoras, eletrônicas, digitais) e dos novos meios tecnológicos que se sofisticam de forma exponencial, faz com que a representação e instituição do mundo adquiram uma importância ainda mais fundamental. Não somente isso, mas a construção e constituição do mundo em narrativa por meio da mídia passam a ter relevância ainda mais estratégica.

As narrativas, além disso, podem ser classificadas em “factuais” e “imaginárias”, não se alterando e em qualquer que seja a classe que ela assuma, [ainda] permanecerá uma narrativa.

Contudo, uma narrativa que entraria na definição de factual visa o estabelecimento de relações que sejam, para além de lógicas, cronológicas “das coisas físicas e das relações

humanas reais ou fáticas”, como indica o autor. Já as narrativas ficcionais visam estabelecer relações também lógicas e cronológicas, porém das “coisas imaginadas ou fictícias”.

“Ambas, entretanto, são atividades miméticas das ações humanas, metáforas da vida, e guardam com o referente empírico uma relação mais ou menos íntima, dependendo da intenção de verdade de cada uma delas” (MOTTA, 2013, p.89)

Dentre as narrativas que se encaixam como factuais, está por exemplo o jornalismo, com uma seleção de construção de narrativas que se propõe objetiva com relatos que tem a pretensão de se aproximar da realidade.

O jornalismo idealmente procura, por meio de estratégias próprias, manter a objetividade de seus relatos e fazer representações fiéis daquilo que é “real”. Procura, desde uma observação como agente externo dos fatos, provocar uma imagem – classificada por Motta (2013) como falsa – “de que os fatos falam por si mesmos”.

Apesar de ser feito um grande esforço, os relatos jornalísticos estão amplamente carregados da subjetividade própria daquele que os conta, mesmo com o esforço pela imparcialidade ou análises ditas isentas. “Os relatos históricos ou jornalísticos estão impregnados de subjetividades, mesmo quando fazem um esforço para dessubjetivar-se” (MOTTA, 2013, p.90)

Para Motta, os relatos construídos e veiculados na mídia exploram de maneira estratégica aquilo que é fático, ao mesmo tempo que também exploram o imaginário do seu público, com o objetivo de ganhar a adesão daquele público – seja ouvinte, telespectador ou internauta.

A mídia busca envolver o público e provocar nele certos efeitos de sentido pretendidos com aquela mensagem. Motta (2004) indica que o fático é explorado a fim de que cause o efeito de real, a percepção de objetividade e veracidade. Já o fictício é explorado a fim de causar efeitos emocionais, influenciando nas subjetividades e emoções do público.

O autor indica que os jornalistas têm conhecimento de que seu público, sendo formado por homens e mulheres, vivem o mundo de forma narrativa e suas experiências são construídas de forma temporal.

3 JORNALISMO PATROCINADO PELO ESTADO – RT E BBC

No ano de 1991, a Guerra Fria, conflito que opunha o bloco de países capitalistas liderados pelos Estados Unidos e a União Soviética (bloco de países do leste europeu que declaravam ser repúblicas socialistas, comandados pelo poder central na Rússia), chegou ao fim com a dissolução deste último.

Com o fim da guerra fria, chega também ao fim o mundo bipolar que era sua característica. O equilíbrio de poder se altera e a única grande potência no mundo naquele momento passou a ser os Estados Unidos.

De acordo com Rocchi (2017), os russos que detinham um legado de grandeza do passado czarista e soviético – e viram o bloco colapsar na década de 1990 – voltam a reivindicar seu espaço perdido de poder na “era Putin”.

Na sua reivindicação geopolítica que ganhou fôlego renovado com Vladimir Putin, os russos passam a se opor a europeus e estadunidenses nas áreas que consideram historicamente suas zonas de influência, com os casos mais notórios sendo a Geórgia, Sérvia, Síria e, sob os holofotes globais, a Ucrânia.

Rocchi (2017) indica que nesses países a diferença de visão e de interesses do Ocidente e dos russos fica evidente. Nesse contexto de tentar se recolocar no mundo, junto de sua visão da arena geopolítica global, surge o canal financiado pela Federação Russa *Russia Today* (RT), que atualmente abarca o site Sputnik e a agência RUPTLY.

A RT e seus canais afiliados mostram uma visão narrativa que se apresenta distinta do que é mostrada por mídias ocidentais. Rocchi (2017, p. 2) afirma que o papel exercido é tentar “romper o domínio de veículos e agências de notícias de origem europeia e norte-americana, cujo material é distribuído para diversos países”.

Gramsci (apud ROCCHI, 2017, p. 3) classifica os segmentos privados da sociedade civil e a sociedade política como superestruturas que desempenham o papel funcional de hegemonia e domínio. Os intelectuais são classificados como ‘comissários’ do grupo dominante desempenhando o papel de manutenção do consenso das massas alinhado com o ideário da ‘elite dominante’ e de coerção daqueles que não consentem com isso.

Transpondo estes conceitos para a esfera internacional, as grandes agências de notícias e grupos de comunicação, de origem americana e europeia podem exercer esta função de manutenção do consenso ao apresentar ao espectador/leitor uma visão centrada no mundo ocidental e desenvolvido.

Novas fontes de informação, bancadas por governos, podem representar um discurso contrahegemônico (sic) como parte de sua estratégia de desafiar uma potência maior no sistema internacional (ROCCHI, 2017, p. 3)

Para Rocchi (2017), se há como meta a influência da opinião pública em favor de um Estado no jogo geopolítico de poder frente a outros Estados, o investimento na área de comunicação se faz necessário. “A tomada de decisão pelos indivíduos sobre temas políticos é feita a partir das informações que ele dispõe, que provém em grande parte da mídia (tanto tradicional quanto da internet)[...]” (ROCCHI, 2017, p. 3)

Influenciar a opinião pública do país adversário ou inimigo é um fenômeno que ocorre em casos de guerras assimétricas, como nas operações dos Estados Unidos no Iraque contra grupos insurgentes.

Dauber (2009) aborda que para tentar forçar a retirada das tropas estadunidenses do Iraque, a fim de cumprirem suas metas, seria necessário influenciar a opinião pública de maneira tal a ponto de que a população estadunidense não apoiasse mais essas operações. O clima de opinião interna do país adversário é um centro de gravidade.

A Al-Qaeda sabe que os EUA saíram do Vietnã e interpretou que isso significa que, se ela provocar taxas inaceitáveis de baixas e exercer pressão suficiente, os EUA deixarão outros teatros de operações também. [...] os insurgentes iraquianos entendem que não podem ter sucesso somente por seus próprios esforços no campo de batalha (DAUBER, 2009, p. 4).

Ainda de acordo com Dauber (2009, p. 4), citando palavras do Coronel Kenneth E. Tovo, o centro de gravidade sempre é o povo. “Sempre se luta uma batalha pelos corações e mentes do povo e, por isso, não acho que isso mudou com o surgimento da internet e de câmeras por toda a parte”.

Para Tovo, os insurgentes no Iraque não tinham esperança de vitória “no campo de batalha” e portanto seus esforços voltavam-se na “luta para influenciar a população dos EUA a desanimar e perder a vontade e compelir outros atores internacionais a retirar o apoio ao esforço americano [...] o componente da informação cresceu em importância com o tempo”.

Goldsmith e Horiuchi (2009 apud ROCCHI, 2017, p. 3) colocam um elemento do que, segundo a autora, é um mecanismo utilizado para essa influência do público do país adversário e/ou que não tenha essa classificação, que é a Diplomacia Pública – até 1945 chamada de “propaganda”.

A Diplomacia Pública envolve várias práticas que tem por objetivo o de alcançar a população de outros países a fim de criar uma imagem mais favorável para o Estado que a pratica. Por meio dela, os Estados visam afetar “as crenças domésticas” em outro país à luz de sua perspectiva de política externa.

“A diplomacia pública recebeu um tratamento mais profissional após a I Guerra Mundial e foi muito usada por Estados Unidos, União Soviética e Europa durante a Guerra Fria, quando havia uma forte preocupação de se ‘comunicar com o mundo’” Melissen (2005 apud ROCCHI, 2017, p. 4)

Para Rocchi (2017), as estratégias mantidas pelos Estados para a manutenção de uma boa autoimagem e influência da opinião pública no estrangeiro não se vale de uma confiança total na atuação de suas grandes redes de comunicação.

No caso do governo russo, com interesse em mudar sua imagem e influenciar a audiência no exterior, investiu-se na década de 2000 na criação da agência de notícias RIA-Novosti e do já citado canal *Russia Today* (RT) (RUSSIA DIRECT, 2013).

De acordo com a própria RT, o canal “cria notícias com uma vantagem para os espectadores que QUEREM QUESTIONAR MAIS². A RT cobre histórias ignoradas pela grande mídia, oferece perspectivas alternativas sobre assuntos atuais e apresenta ao público internacional um ponto de vista russo sobre os principais eventos globais” (tradução nossa).

Segundo a BBC (2022), a British Broadcasting Corporation (BBC) – que completou 100 anos no ano de 2022 – foi fundada em 18 de outubro de 1922 sob o nome de British Broadcasting Company, como uma empresa privada de serviço de rádio após o fechamento de várias rádios amadoras.

Cinco anos depois, em dezembro 1927, a British Broadcasting Company foi encerrada para dar lugar ao que conhecemos hoje como British Broadcasting Corporation (BBC), uma agência financiada pelo governo do Reino Unido, com a empresa se definindo como “a maior do mundo em número de funcionários [...] oficialmente formada em 18 de outubro de 1922, em Londres e, desde então, vem ajudando a escrever a história do mundo”.

No ano de 1932 a BBC inicia o “Serviço do Império” com a mensagem de Natal do rei George 5º em 19 de dezembro daquele ano. A transmissão em ondas curtas era destinada principalmente aos falantes da língua inglesa que faziam parte do então Império Britânico. Atualmente atende pelo nome de “Serviço Mundial”.

² Grifo do autor

Segundo informações da BBC (2022), o Serviço Mundial é “a maior emissora do mundo em termos de área, idioma e alcance de audiência. Transmite em mais de 40 idiomas diferentes por meio de serviços online, mídias sociais, TV e rádio”.

A RT com o *Question More* (Questionar Mais) e a BBC (2022) com sua ajuda em “escrever a história do mundo” outorgariam para si a autoridade de contar com a ‘veracidade’ dos eventos, mas de perspectivas e locais diferentes.

Enquanto a BBC usa a sua longevidade, reputação e um ‘padrinho’ estatal muito forte que é o governo britânico, a RT parte de uma posição contra-hegemônica³, como uma alternativa que irá fornecer cobertura de fatos ignorados pelas grandes mídias oriundas de países desenvolvidos do Ocidente – destacando-se EUA e países da Europa – e a perspectiva do público desses países de poderem “questionar mais” daquilo que leem e ouvem dessas.

Sobre a parte de explorar um alcance global para fazer passar a narrativa dos eventos à luz de suas interpretações, a RT também possui serviços em outros idiomas, para melhor disseminar a sua versão dos eventos para o público no exterior e melhorar a imagem do país que está associada, no caso, à Rússia.

Segundo informações contidas no seu site oficial, a RT distribui seu conteúdo em inglês, árabe, espanhol, francês, alemão, sérvio e russo. A agência, citando o site de análise de dados Similar Web, indica que sua variante em língua árabe, a RT Arabic, lidera entre todos os outros sites de canais estrangeiros de notícias nesse idioma em termos de visitas, superando nomes como CNN Arabic, Sky News Arabia e Euronews Arabic, segundo o Similar Web em dados de dezembro de 2022.

Repercussão similar também ocorre na variante em língua espanhola, a RT Spanish, estando à frente de agências internacionais com variantes em espanhol, como a própria BBC, Euronews, France 24 e a TeleSur, ainda de acordo com a Similar Web.

A BBC disponibiliza seu conteúdo em mais de 28 idiomas e se autocalifica como “principal emissora de serviço público do mundo”. Os principais canais do guarda-chuva da emissora em língua não-inglesa, alcançando regularmente 15 milhões de usuários únicos por mês, são a BBC Brasil (serviço em português) e a BBC Mundo (serviço em espanhol).

Por distribuírem seu conteúdo em vários idiomas, observa-se a tendência da BBC e da RT em se projetar para o mundo e distribuir as suas informações em escala global, carregando

³ Um discurso contra-hegemônico é uma forma de narrativa ou expressão que desafia e questiona a hegemonia, ou a dominação cultural e ideológica, exercida por grupos ou instituições dominantes na sociedade. Hegemonia, um conceito popularizado pelo teórico marxista Antonio Gramsci, refere-se à capacidade de uma classe dominante de impor suas ideias, valores e normas como universais e naturais, de modo que eles sejam aceitos como o senso comum pela maioria da população.

também as suas interpretações de eventos de relevância mundial para diferentes países alcançados por seus serviços.

Para além dos fatores, ambas as empresas recebem financiamento público de seus respectivos Estados⁴⁵ para prosseguirem com suas atividades, portanto todo esse investimento em um maior alcance global para a sua mensagem não se vê, falando de forma dedutiva, motivado por um interesse comercial e de lucros.

3.1 A ‘verdade’

A famosa frase “a primeira vítima da guerra é a verdade”, atribuída a diferentes fontes e usada por diferentes personalidades ao longo da história, teria sido dita originalmente pelo dramaturgo da Grécia Antiga, Ésquilo (525-456 a. C.).

O contexto de interpretação dessa frase é o de que, mente-se e/ou se distorcem as informações quando há interesse dos Estados em situação beligerante para servir aos seus diferentes interesses.

Chomsky (2014) traz o exemplo da primeira grande operação de criação de uma narrativa por meio da propaganda estatal da nossa era durante o governo do presidente estadunidense Woodrow Wilson, eleito em 1916, no contexto global da Primeira Guerra Mundial.

A população estadunidense estava “extremamente pacifista” e não enxergava motivos para que seu país ingressasse em mais uma guerra no continente europeu. Embora tenha sido eleito na plataforma retórica de “Paz sem vitória”, Wilson estava na realidade comprometido com a guerra e tinha de fazer algo para mudar a opinião pública do pacifismo para apoio à entrada estadunidense na guerra.

Foi constituída uma comissão de propaganda governamental, a Comissão Creel, que conseguiu, em seis meses, transformar uma população pacifista numa população histérica e belicosa que queria destruir tudo que fosse alemão, partir os alemães em pedaços, entrar na guerra e salvar o mundo. [...] Eles lançaram mão dos instrumentos mais diversos. Inventaram, por exemplo, que os ‘hunos’ cometiam uma série de atrocidades, como arrancar os braços de bebês belgas, e toda sorte de fatos horripilantes que ainda podem ser encontrados em alguns livros de história (CHOMSKY, 2014, p. 7).

⁴ Disponível em: <https://www.bbc.com/aboutthebbc/governance/licencefee>

⁵ Disponível em: <https://www.rt.com/about-us/>

Chomsky (2014) indica que dado o sucesso dessa criação narrativa, as técnicas da Comissão Creel foram novamente utilizadas, desta vez para insuflar o “Pânico Vermelho”. Obteve êxito considerável “na destruição de sindicatos e na eliminação de problemas ‘perigosos’ como a liberdade de imprensa e a liberdade de pensamento político” (CHOMSKY, 2014, p. 7).

Uma boa parte do material usado na Comissão Creel foi produzido pelo Ministério da Propaganda britânico, que como constam em resoluções secretas da época, dedicava-se na tarefa de “controlar a opinião na maior parte do mundo” (CHOMSKY, 2014, p. 8).

Acima de tudo, porém, eles queriam controlar a opinião dos membros mais inteligentes da comunidade norte-americana, os quais, então, difundiriam a propaganda política que estavam forjando e levariam o país pacifista à histeria belicista. Funcionou. E funcionou muito bem. E nos deixou uma lição: a propaganda política patrocinada pelo Estado, quando apoiada pelas classes instruídas e quando não existe espaço para contestá-la, pode ter consequências importantes (CHOMSKY, 2014, p. 8).

Existir espaço para contestação é importante, e em especial para o contexto que envolve esta presente pesquisa, que são as hostilidades militares decorrentes atualmente na Ucrânia, com os holofotes globais cobrindo os acontecimentos do teatro de operações.

Em especial é também importante o espaço para contestação por outro motivo: o conflito travado no leste da Europa não é compreendido de forma igual pelas partes envolvidas, como nos diz Visacro (2023).

[...] não causa surpresa que a guerra travada no Leste Europeu esteja muito longe de ser igualmente compreendida por russos, ucranianos, alemães e norte-americanos. Além de interesses divergentes, o pensamento estratégico, as motivações políticas, as pretensões governamentais e a psique de cada população são discrepantes. Assim como um cidadão holandês considera absolutamente infundadas as alegações de que a eventual presença de tropas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em território ucraniano possa representar uma ameaça existencial para a Rússia, um moscovita possivelmente não vê coerência alguma em austríacos e belgas o rotularem como risco à segurança da Europa (VISACRO, 2023, sp)

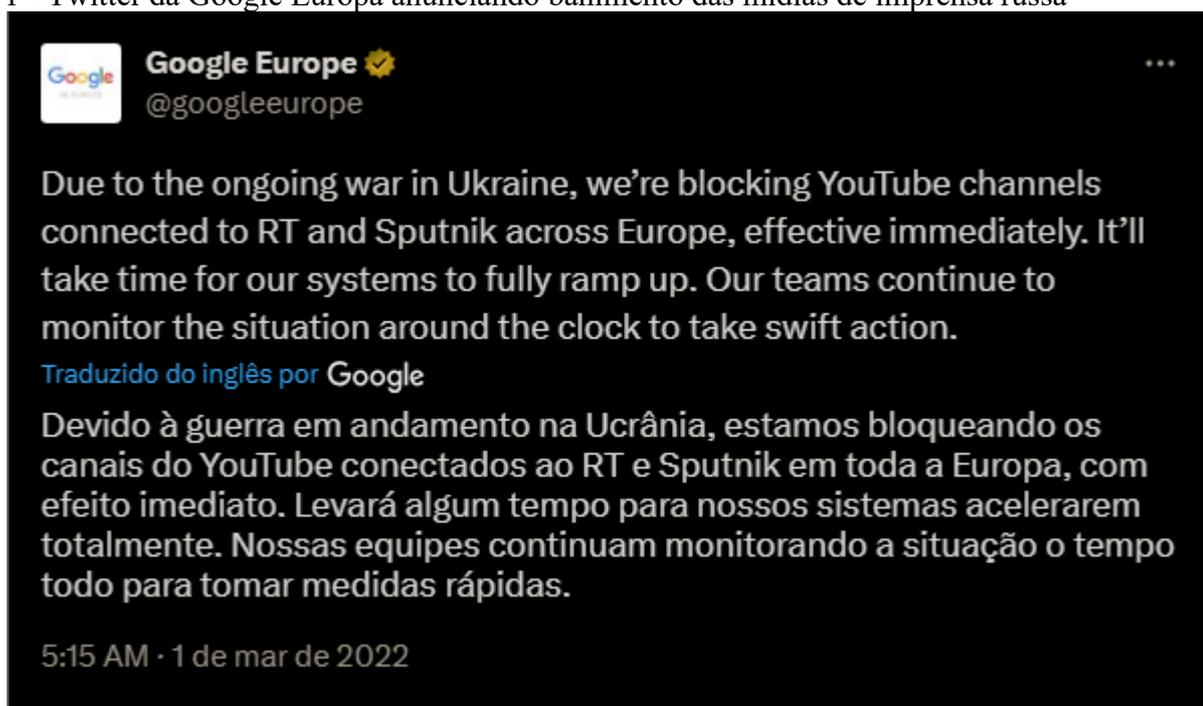
“As idiossincrasias são parte relevante do problema. Portanto, abordagens impregnadas de vieses e resíduos etnocêntricos, [...] produzem deduções imperfeitas e interpretações maniqueístas, passíveis de serem contaminadas pela voraz propaganda de guerra [...]” (VISACRO, 2023).

No caso do conflito na Ucrânia, é importante o espaço para o contraditório, primeiro para que não prevaleça soberana a narrativa do grupo dominante, como refere Gramsci (apud ROCCHI, 2017, p. 2-3) para manutenção do consenso daquela população (interna ou externa), também sendo importante uma outra perspectiva, dado que como abordado anteriormente, o conflito não é compreendido igualmente por todas as partes envolvidas.

Contudo, o que se observou em medidas da União Europeia com o início da entrada russa na guerra civil ucraniana em fevereiro de 2022 foi uma supressão do contraditório e da outra versão dos acontecimentos que chegavam à sua população vindo das mídias russas.

Em primeiro de março de 2022, a conta oficial no Twitter da Google Europe anunciou o bloqueio dos canais conectados com a *Russia Today* (RT) e a *Sputnik* na plataforma de vídeos do Youtube. Banimentos similares se seguiram no Instagram e Facebook.

Figura 1 - Twitter da Google Europa anunciando banimento das mídias de imprensa russa



A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, anunciou em 27 de fevereiro de 2022, em pronunciamento sobre “medidas posteriores para responder à invasão russa da Ucrânia” ao introduzir a segunda medida que a União Europeia iria “banir a máquina midiática do Kremlin”.

“As estatais *Russia Today* (RT) e *Sputnik*, assim como suas subsidiárias, não serão mais capazes de espalhar suas mentiras para justificar a guerra de Putin e semear a divisão em nossa

União. Estamos desenvolvendo ferramentas para banir sua tóxica e danosa desinformação na Europa” (LEYEN, 2022, tradução nossa).

Assim, a versão a qual o público europeu e ocidental passa a ter acesso, visto que os banimentos tiveram impacto para os usuários em todo o planeta com a remoção dos canais das principais plataformas de mídias sociais, seria a das fontes trazidas pelos grupos midiáticos da Europa e EUA – apesar de a RT ter recorrido a meios alternativos como o Telegram e plataformas como o Rumble, para além de seus próprios sites, para continuar a passar a sua versão dos eventos no leste da Europa.

Podemos inferir com a declaração de Von der Leyen os conceitos abordados anteriormente de o Estado e suas mídias manterem o consenso da população local em torno das ideias da elite dominante, haja vista a menção de que a perspectiva russa dos fatos 'semeia a divisão dentro da UE'.

Assim, é possível também inferir pela supracitada fala da presidente da Comissão Europeia, que as mídias europeias que seguem operando normalmente não estão incluídas nesse fator de quebra de consenso do conflito na Ucrânia, ou 'semeio da desunião', justamente por não sofrerem sanções do regulador europeu como sofreram as referidas mídias russas.

As sanções sofridas pelas mídias europeias, como a BBC, foram aplicadas pela Federação Russa por meio do seu órgão regulador *Roskomnadzor* em março de 2023, mas foram citadas pela porta-voz da diplomacia russa, Maria Zakharova, como uma somente uma ação retaliatória aos bloqueios sofridos pelas mídias russas⁶.

Wainberg (1992) no seu estudo sobre a narração de cinejornais estadunidenses no contexto da Segunda Guerra Mundial, cita exemplos da própria Segunda Guerra e da Guerra do Vietnã em que os narradores “enfrentaram o dilema de prover ou não, nas circunstâncias extremas de guerras e conflitos que envolveram seus países, um ponto de vista consistente com o sugerido pela autoridade” (WAINBERG, 1992, p. 145).

Wainberg afirma que, no caso dos narradores dos cinejornais, eles se tornaram de fato propagandistas. O uso da mídia de massa, argumenta, era uma tarefa da propaganda realizada sob controle do governo em ambas as guerras para “alcançar o cidadão, ganhar sua atenção, conquistar sua simpatia, focar sua decisão e estimular sua ação” (WAINBERG, 1992, p. 150), sendo algo pertencente tanto aos regimes autocráticos quanto às democracias.

⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/russia-bloqueia-ao-menos-30-sites-de-comunicacao-incluindo-da-bbc-promete-mais-aco-es-na-guerra-de-informacao-25434819>

Assim, o audiovisual da época, representado pelo cinejornal, foi usado como um meio de propaganda para elevar a moral do front interno, a fim de “persuadir o público a fortificar seu desejo de vencer a guerra” (WAINBERG, 1992, p. 157).

“A mídia é um monopólio coletivo. Todos têm o mesmo ponto de vista” (CHOMSKY, 2014, p. 19) e assim como os cinejornais, segundo Wainberg (1992), a mídia jornalística passa a ter a função de transmissão de apresentações de caráter parcial, contendo um ponto de vista único, transmitindo os pontos de vista do governo, mas com uma roupagem disfarçada de ser o seu ponto de vista.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

Essa pesquisa tem por objetivo identificar como se deu a construção de narrativas sobre as motivações que levaram ao conflito na Ucrânia, iniciada na data de 24 de fevereiro de 2022, quando tropas russas adentraram o território ucraniano por várias frentes, no que é chamada por alguns setores da mídia global de Guerra da Ucrânia e pela mídia russa de Operação Militar Especial na Ucrânia.

De início, no mês de outubro do ano de 2022, dei início à elaboração de um anteprojeto para atendimento para aprovação na disciplina de Pesquisa em Comunicação I, sendo pré-requisito ter um anteprojeto aprovado para prosseguir com o desenvolvimento da monografia na disciplina posterior de Pesquisa em Comunicação II. Para conclusão da graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Uberlândia, uma das atividades obrigatórias de se cumprir é a produção de uma monografia.

Nesse anteprojeto defini alguns caminhos iniciais sobre quais percursos metodológicos possíveis seriam explorados para sanar uma inquietação particular por meio de uma pesquisa sobre alguns fatos que observava sobre o conflito na Ucrânia entre russos e ucranianos, que eclodira alguns meses antes: estariam as mídias ocidentais e as russas divergindo na construção narrativa dos eventos que se desenvolviam nas estepes ucranianas? Se sim, qual a construção narrativa de agências ocidentais e russas a respeito dos mesmos acontecimentos desenrolados nos campos de batalha e no teatro de operações? Como as narrativas, se divergentes, estariam sendo influenciadas por governos para contar uma história mais conveniente e mobilizar apoio popular?

Em conversas com a professora orientadora Ana Paula de Moraes Teixeira, doutora em Ciências da Comunicação, concatenamos algumas ideias sobre qual conteúdo mais especificamente poderia ser analisado e optamos por uma metodologia de pesquisa descritiva, aplicando uma análise comparativa entre as narrativas divulgadas em materiais audiovisuais da agência Russia Today (RT) e a British Broadcasting Corporation (BBC).

Também junto à professora orientadora foi organizado ainda na disciplina de Pesquisa em Comunicação I, um cronograma de trabalho no que diz respeito à conclusão das atividades que se seguiriam posteriormente na monografia na disciplina de Pesquisa em Comunicação II. O cronograma foi atualizado com um maior detalhamento das atividades e entregas específicas

como exigência da disciplina de Pesquisa em Comunicação II e novamente junto à professora orientadora.

Para além de cumprir uma das exigências do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia para a conclusão da graduação, também me motiva na escolha a dessa temática de pesquisa meu interesse pessoal em seguir carreira como correspondente de assuntos militares no futuro, por isso, pesquisar sobre a temática do que envolve a cobertura jornalística no maior conflito na Europa desde a Segunda Guerra Mundial tem muito a agregar para uma melhor percepção profissional de como operam e como podem ser influenciadas as pessoas que fazem esse tipo de jornalismo.

Outro elemento que instigou minha inquietação científica foi ver as notícias sobre o banimento das mídias russas das plataformas de redes sociais no mundo e em especial na Europa, sob alegação de ‘combate à desinformação russa sobre a Guerra na Ucrânia’. Qual seria essa suposta desinformação que, de tão nociva, merecia ser suprimida das redes do público não-russo? Qual divergência teria a narrativa russa sobre os eventos na Ucrânia comparada à única narrativa que seria veiculada sobre o conflito nas redes – a versão Ocidental? Por que só um lado da história deveria ser ouvido e o que o outro lado, o russo, teria a dizer?

Durante as reuniões de orientação com a professora orientadora, para além da atualização do cronograma de entrega das atividades da monografia, também foram reorganizados os passos que seriam dados e os procedimentos da pesquisa que compõe esta monografia – tais reorganizações são abordadas nos parágrafos subsequentes.

Em grande parte, por dois fatores interconectados de tempo curto quando comparado com o que foi proposto para ser englobado dentro do arcabouço de elementos comparativos, ajuste necessário para dar viabilidade para a realização desta monografia. O segundo fator dos dois mencionados anteriormente é uma subestimação por parte do graduando quanto ao tamanho que ganharia a análise, sendo uma expectativa não correspondida de que fosse mais enxuto, permitindo a análise comparativa de mais materiais dentro do escopo desta pesquisa.

Para a viabilidade do material, decidiu-se mudar da proposta de análise comparativa de construção de narrativa a cobertura de quatro fatos de maior repercussão do conflito ucraniano nas mídias ocidentais e russas e optou-se pelos motivos supracitados focar na análise do material da RT e BBC que tratassem dos motivos alegados por cada veículo em seus materiais audiovisuais disponibilizados na internet que levaram ao desencadear das hostilidades russo-ucranianas iniciadas em 24 de fevereiro de 2022.

Além desse, outro elemento que não estará presente pelo motivo citado anteriormente é o quadro comparativo com os materiais audiovisuais de BBC e RT e suas versões narrativas

publicadas após o aniversário de um ano de conflito em solo ucraniano em que a agência britânica e russa indicavam como estaria o andamento do conflito em questões de sucessos e fracassos alcançados por Kiev e Moscou.

Para a escolha das agências que seriam comparadas foi estabelecido o critério de uma ocidental e a outra russa, visto que são as partes beligerantes no conflito de forma direta (como é o caso da Rússia) e de forma indireta (como no caso dos países ocidentais que apoiam financeiramente e com equipamentos militares a Ucrânia).

Dos expoentes de mídias russas a que mais se destacou para nosso uso foi a *Russia Today*, ou RT, uma agência de notícias russa financiada com dinheiro público do orçamento da Federação Russa.

De acordo com o seu site oficial, a RT – citando o SimilarWeb, uma empresa de análise de dados de tráfego na web – supera em termos de tráfego a Al Jazeera, DW, France 24 e Euronews. O que a torna a principal rede de notícias de TV não anglo-saxônica.

Ainda segundo a agência, no ano de 2013 a RT foi a primeira rede de notícias a conseguir superar a marca de um bilhão de visualizações no YouTube e em 2020 foi a primeira rede de notícias de TV do mundo a alcançar dez bilhões de visualizações em seus canais no Youtube. Até seu banimento do YouTube em março de 2022, a RT acumulava 17 bilhões de visualizações e 30 milhões de inscritos.

Além disso, a agência distribui seu conteúdo em inglês, árabe, espanhol, francês, alemão, sérvio e russo. Sua variante em língua árabe, a RT Arabic, lidera entre todos os outros sites de canais estrangeiros de notícias nesse idioma em termos de visitas, superando nomes como CNN Arabic, Sky News Arabia e Euronews Arabic, segundo o Similar Web em dados de dezembro de 2022. Repercussão similar também ocorre na variante em língua espanhola, a RT Spanish, estando à frente de agências internacionais com variantes em espanhol como a própria BBC, Euronews, France 24 e a TeleSur, ainda de acordo com a Similar Web.

Dos expoentes de mídias ocidentais, a British Broadcasting Corporation, ou BBC, foi a que mais se destacou para nosso uso. De acordo dados do Similar Web veiculados em seu site oficial, foi o portal de notícias mais acessado do mundo no ano de 2020. Dados do Advanced Technologies for Industry (ATI) citados pela notícia indicam que a BBC acumulou, no mês de março de 2020, 1.5 bilhão de visualizações de sua página e 61 milhões de visualizações de seus vídeos. Seu canal do YouTube, BBC News, conta com 14.3 milhões de inscritos e um total de quase 4.5 bilhões de visualizações. De acordo com a agência britânica, seu financiamento também é público e a agência é de propriedade do governo do Reino Unido.

A BBC disponibiliza seu conteúdo em mais de 28 idiomas e se autocalifica como “principal emissora de serviço público do mundo”. Os principais canais do guarda-chuva da emissora em língua não-inglesa, alcançando regularmente 15 milhões de usuários únicos por mês, são a BBC Brasil (serviço em português) e a BBC Mundo (serviço em espanhol).

Por distribuírem seu conteúdo em vários idiomas, observa-se a tendência da BBC e da RT em se projetar para o mundo e distribuir as suas informações em escala global, carregando também as suas interpretações de eventos de relevância mundial para diferentes países alcançados por seus serviços.

Para além disso, a seleção das agências também se dá pela cobertura que ambas já desempenharam cobrindo conflitos militares in loco com seus repórteres. Um exemplo disso é a BBC, com mais de 100 anos de existência, tendo coberto a Segunda Guerra Mundial e os subsequentes conflitos que se seguiram. Assim como a RT, que dentre o seu portfólio de coberturas militares está a Guerra Civil Síria. Ambas, atualmente, cobrem o conflito na Ucrânia, apresentando matérias jornalísticas sobre o assunto. A RT inclusive faz um extenso trabalho com correspondentes militares no teatro de operações ucraniano.

4.1 Pesquisa descritiva

De acordo com Gil (2002, p. 42) a finalidade primordial de uma pesquisa descritiva é a de descrever características, seja de uma determinada população, ou de um determinado fenômeno. Também se tem como finalidade um estabelecimento de relações entre variáveis. Uma das características mais significativas desse tipo de estudo se encontra na coleta padronizada de dados, tal como por meio de questionários e/ou observação sistemática.

Dentre as possibilidades diversas de pesquisas descritivas estão aquelas que visam a descoberta de associações entre variáveis observadas, podendo ir além e buscando determinar a natureza dessas associações identificadas.

Para Vergara (2009, p.42) a pesquisa descritiva expõe características de uma dada população ou fenômeno, podendo também estabelecer correlações entre variáveis identificadas e fazer a definição de sua natureza.

Segundo Sellitz et al. (1965 apud OLIVEIRA, 2011, p. 21) tem como finalidade descrever um fenômeno ou situação no detalhe, em especial o que está ocorrendo, para assim abranger com maior exatidão as características de um indivíduo, situação ou grupo. Também tem por objetivo o de desvendar a relação entre eventos.

De acordo com Aaker, Kumar e Day (2004 apud OLIVEIRA, 2011, p. 22) uma pesquisa descritiva usualmente se vale de dados dos levantamentos e ter por característica o levantamento de hipóteses especulativas que não especificam relações de causalidade.

Para Triviños (2007 apud OLIVEIRA, 2011, p. 22) uma pesquisa descritiva tem a pretensão de descrever com exatidão fatos e também fenômenos de uma determinada realidade que se está observando. Porém, na pesquisa em tela, houve a opção por uma transcrição com exatidão das narrativas, que podem estar sujeitas a versões particularizadas por cada ator do recorte escolhido. É um trabalho de descrição tal como ele é apresentado, sem margem para inferências.

Para a presente pesquisa, já foi descrito acima como se deu a seleção das agências de notícias, e para proceder com a seleção dos materiais que serviriam de base da comparação supracitada foi feita uma busca em seus canais de material audiovisual na internet.

No caso da BBC, foi utilizado o canal do YouTube da agência que está disponível em língua portuguesa: BBC News Brasil. Optou-se pela variante em português por ser o idioma nativo do graduando que desenvolve a presente monografia, algo que facilita e agiliza o trabalho de análise.

Dentro do canal na plataforma YouTube, foi usado o mecanismo de busca interno para conteúdos específicos da BBC News Brasil inserindo-se os termos “razões guerra ucrânia”, o qual retornou em seus dois primeiros resultados, dentre tantos, os vídeos: “Quais as razões por trás da invasão russa à Ucrânia?” (chamado no quadro de análise comparativa-descritiva de ‘VID1’, presente na coluna da direita do Quadro 1 – Análise descritiva e comparativa) e “As origens históricas do conflito entre Rússia e Ucrânia” (chamado no quadro de análise comparativa-descritiva de ‘VID2’ presente na coluna da direita do Quadro 1 – Análise descritiva e comparativa).

A RT News, serviço em língua inglesa da Russia Today (RT), foi banida do YouTube em março de 2022 e como contramedida passou a focar seu conteúdo em plataformas alternativas, dentre elas o mensageiro Telegram, por meio de seu canal de mensagens na plataforma. Também para seus materiais audiovisuais a agência russa faz uso da plataforma Rumble, uma espécie de ‘YouTube canadense’.

Para motivos de pesquisa e também de interesse pessoal em ter acesso ao ‘outro lado da história’ no conflito da Ucrânia, inscrevi-me desde março de 2022 no telegram da RT News (que conta atualmente com mais de 215 mil inscritos). Desde então, monitorava os conteúdos audiovisuais subidos no mensageiro e selecionei o vídeo: “*Historical Events That Led To The*

Start Of The Ukraine Conflict — RT Report” ou “Eventos históricos que levaram ao início do conflito na Ucrânia - Reportagem RT” em tradução livre.

Com ambas as temáticas de materiais compatíveis tendo sido reunidas, é feita uma decupagem de trechos que tratassem do mesmo evento ou argumento e é comparada a versão russa e a britânica. A análise compara o material da BBC em função do material da RT pelo material da agência russa ter uma compilação dos eventos em linha cronológica melhor elaborada em somente um arquivo dos argumentos que teriam levado ao conflito na Ucrânia em apenas um vídeo, enquanto os argumentos do que teria levado aos eventos das hostilidades no país do leste europeu estão fragmentados em dois vídeos no caso da BBC.

Comparando o argumento russo na reportagem da RT e buscando um análogo no material da BBC que tratasse do mesmo evento ou argumento, foi desenvolvido um quadro comparativo que descreve os vieses identificados, assim como as divergências, e explora-se alguns motivos à luz dos teóricos reunidos na pesquisa para as diferenças nos elementos narrativos que constroem o ‘motivo para o conflito’ a partir da perspectiva russa e ocidental representada pela britânica BBC.

Quadro 1 - Análise descritiva e comparativa

RT	BBC
10” a 25” - “Washington e o Ocidente coletivo têm dito a vocês por meses sobre ‘agressão russa não provocada’. No entanto, custa apenas um pequeno esforço e habilidades de pesquisa mínimas para descobrir que o evento atual foi produzido anos atrás”	Não há análogo específico sobre esse elemento nos materiais selecionados tratando do tema das motivações por trás da invasão da Ucrânia pela Rússia
O repórter russo começa classificando o termo ‘agressão russa não provocada’ – terminologia encontrada nos meios de comunicação e em declarações políticas de países ocidentais – como uma narrativa que demanda pouco esforço para ser desmascarada, inclusive usando termos como ‘pequeno esforço’ e ‘habilidade de esforço mínimas’, assim já se identifica uma manobra para começar a desacreditar a versão dos fatos do adversário e dar força à versão que a RT irá fornecer ao público. Segundo Rocchi (2017), esse contraponto é um elemento do discurso contra hegemônico, representado pela RT e Sputnik, ambas criadas na era Putin como uma das ferramentas usadas pela Federação Russa ao se envolver novamente em questões internacionais e se fazer oposição a europeus e estadunidenses no que o Kremlin considera historicamente sua área de influência, como é o caso da Ucrânia.	
26” a 34” - República Popular de Donetsk (RPD) e República Popular de Lugansk (RPL) declaram independência em 2014 após “golpe de Estado apoiado pelos EUA na Ucrânia	VID2: 4’56” a 5’22” - “Um mês depois [da anexação da Crimeia] as forças Pró-Rússia tomaram várias localidades no leste da Ucrânia, na bacia do Donbass [...], o que deu início a um confronto armado entre o Exército Ucrâniano e os separatistas. No dia 11 de maio de 2014 os rebeldes declararam independentes o que chamaram de Repúblicas Populares de Donetsk e Luhansk, que até hoje não são reconhecidas internacionalmente”

Figura 2 - Captura de tela de trecho da matéria da RT, referendos no Donbass



Figura 3 - Captura de tela de trecho de matéria da BBC, região do Donbass demarcando suas autoproclamadas repúblicas populares



Constrói-se pela RT ao falar dos eventos de 2014 uma mensagem de que a declaração de independência da República Popular de Donetsk (RPD) e República Popular de Lugansk (RPL) foi fruto direto de um “golpe de Estado” com o apoio dos Estados Unidos na Ucrânia, novamente se observa um elemento da construção contrahegemônica. O “golpe de Estado” a que se refere a reportagem da RT, são os protestos de rua deflagrados naquele país após o então presidente da Ucrânia, Viktor Yanukovich, cessar de última hora as tratativas de aproximação de seu país com a União Europeia naquele referido ano. A declaração de independência da RPD e RPL – como implica a imagem em vídeo da RT de urnas com votos sendo despejadas em mesas para contagem – teria supostamente vindo de forma pacífica e democrática após votação da população das regiões. Já na versão apresentada pela BBC, “forças pró-Rússia” e “separatistas” tomam de assalto localidades importantes nas regiões do Donbass, entram em confronto com o Exército Ucrainiano e implicam assim que essa declaração de independência foi imposta por meio do uso da violência, sem qualquer menção a referendos na área estarem presentes nos materiais analisados.

35” a 1’19” - novo governo “não eleito” em Kiev lança campanha ‘antiterrorista’ contra RPD e RPL, começam “guerra barbárica contra civis pacíficos em Donbass que não queriam ter nada a ver com um governo eleito que não os representava”

VID2: 5’22” a 5’32” - “Desde o início da chamada ‘Guerra do Donbass’ entre os ucranianos e Forças Pró-Russas a OTAN tem acusado a Rússia de apoiar militarmente os separatistas, o que Moscou nega”

Figura 4 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, vítimas dos alegados ataques ucranianos no Donbass



Figura 5 - Captura de tela de trecho de matéria da BBC, desfile militar das milícias de Donetsk com equipamento militar russo



A BBC classifica a Guerra do Donbass, como vimos no quadro anterior e é reforçado neste, como um confronto militar entre “separatistas pró-Rússia”, acusados pela OTAN de serem apoiados militarmente pela Rússia. Assim, é implicado que o confronto se dá por forças internas do país, no qual separatistas apoiados e patrocinados por uma força estrangeira tentam desmembrar a integridade territorial da Ucrânia, e recebem uma resposta militar adequada como reação a isso do poder central em Kiev. Já a RT coloca que o conflito no leste ucraniano é uma reação de um governo “não eleito”, estabelecido após um “golpe de Estado” apoiado e patrocinado por forças estrangeiras – historicamente opostas à Rússia – contra civis da região do Donbass que decidiram de forma democrática não se submeter a um governo que não os representava. Para reforçar e dar mais legitimidade ao seu ponto, a agência russa apresenta imagens do que atribuem a ataques deliberados do exército ucraniano contra “civis pacíficos” no Donbass, sendo massacrados de forma brutal, sem chance de defesa, alinhados com vídeos de destroços e relatos de civis sobre mortes e o sofrimento deles. Jacques Wainberg (1992), indica que um dos elementos recorrentes nos cinejornais durante a Segunda Guerra Mundial era o de a narração reforçar o ponto de vista apresentado pelo governo, nesse caso o reforço se dá no “genocídio da população do Donbass” como declarado por Putin no seu discurso televisionado para toda a Rússia pouco antes da invasão da Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022.

1’20” a 2’15” - acordos de Minsk deveriam ter garantido um cessar-fogo e passos para a paz, mas não ocorreu isso, “civis pacíficos

VID2: 5’33 a 5’57”- “Várias tentativas de acordos de paz, entre eles o protocolo de Minsk e o Acordo de Minsk II não conseguiram

<p>continuaram a sofrer [ataques de Kiev]”</p>	<p>estabelecer um cessar-fogo definitivo. Ucrânia, Rússia, Alemanha, França, representantes da Organização para Segurança e Cooperação da Europa e representantes das chamadas Repúblicas Populares de Donetsk e Luhansk participaram das conversas, mas o conflito segue fazendo vítimas no leste da Ucrânia”</p>
<p>Tanto RT quanto BBC tiveram uma abordagem similar quanto a se referir aos acordos de Minsk, que foram uma tentativa de cessar-fogo da guerra civil ucraniana, que garantiriam assim um caminho para melhores negociações pela paz e uma resolução definitiva para as hostilidades na Ucrânia. Como está exposto na história e em ambas reportagens, isso não ocorreu, as hostilidades continuaram. A divergência da agência russa e da britânica está no tratamento do que são as hostilidades: a BBC trata de forma mais resumida, indicando que continuaram os combates “fazendo vítimas no leste da Ucrânia”, enquanto a RT coloca como a continuação do massacre de civis por Kiev ao dizer que “civis pacíficos continuaram a sofrer” e exibe mais imagens de mortes, bombardeios e destroços. Para Motta (2013), é o processo de produção de sentidos pretendidos por meio do qual a mídia busca envolver o público, é a mídia explorando de maneira estratégica aquilo que é fático e ao mesmo tempo explorando o imaginário do público a fim de ganhar a adesão dele.</p>	
<p>2’17 a 3’24” - “Moscou se manteve firme e demandou que Kiev cumprisse suas obrigações dentro do acordo que estava quebrando de forma regular ao bombardear áreas residenciais no Donbass. Mas como foi visto, Berlim e Paris não deram a mínima para os acordos ou para as vidas do povo do Donbass. Seus acordos foram nada mais que uma tática para permitir ao Ocidente bombear armas para a Ucrânia”</p>	<p>Não há análogo em resposta, tampouco aprofundamento maior dos das declarações públicas das três figuras políticas sobre usarem os Acordos de Minsk para ‘ganhar tempo para armar a Ucrânia’. No material recolhido é explicado por se tratarem de comentários feitos no final do ano de 2022, enquanto as análises se dão com materiais do começo do ano de 2022. Contudo, tampouco foi encontrado nos sites e canais da BBC matérias sobre o assunto.</p>

Figura 6 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração do ex-presidente da França, Hollande, sobre os acordos de Minsk em 2022 parte 1



Hollande: “Desde 2014, a Ucrânia fortaleceu sua postura militar. Isso é mérito dos acordos de Minsk que deram ao Exército ucraniano essa oportunidade [...]”

Figura 7 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração do ex-presidente da França, Hollande, sobre os acordos de Minsk em 2022 parte 2



Hollande: “[...] Assim, o tempo que Putin pensou ser um ativo, acabou por ser, de fato, uma oportunidade para os ucranianos.”

Figura 8 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração da ex-chanceler da Alemanha, Merkel, sobre os acordos de Minsk em 2022



Merkel: “O acordo de Minsk de 2014 era uma tentativa de dar tempo à Ucrânia. A Ucrânia usou esse tempo para se tornar mais forte, como vocês podem ver hoje. A Ucrânia de 2014/15 não é a Ucrânia de hoje.”

Figura 9 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração do ex-presidente da Ucrânia, Poroshenko, sobre os acordos de Minsk em 2022



Poroshenko: “Eu precisava dos acordos de Minsk para ganhar pelo menos 4 anos e meio para construir as forças ucranianas, para construir a economia ucraniana, para treinar as forças ucranianas ao lado das forças da OTAN. Para criar as melhores Forças Armadas da Europa Oriental de acordo com os padrões da OTAN”

A RT apresenta a versão de que a falha dos acordos de Minsk, que possibilitariam o cessar-fogo na Ucrânia e um posterior processo de negociações para paz falharam – não por culpa de Moscou que esteve “firme e demandou que Kiev cumprisse suas obrigações dentro do acordo que estava quebrando de forma regular ao bombardear áreas residenciais no Donbass” – mas por culpa dos países Ocidentais (Alemanha e França) que, fazendo parte do acordo, foram dolosamente omissos e novamente evoca a perda de vidas do “povo do Donbass”. Ademais, apresenta declarações do ex-presidente ucraniano (Poroshenko), a ex-chanceler alemã (Merkel) e o ex-presidente francês (Hollande) indicando que, em suma, os acordos somente teriam sido um engodo para dar tempo de fortalecer minimamente a Ucrânia para um futuro embate contra a Rússia. Para Trigo (2018), é um fato a ser reconhecido que o narrador escolhe aquilo que é mais conveniente para si ou para um grupo de elementos que compõem a narrativa, e portanto irá influenciar aquele que ouve aquela versão da história. É possível observar isso quando a reportagem da RT indica que a parte russa cumpria os acordos de Minsk e apresenta logo na sequência recortes das falas dos líderes

falando o ‘real’ objetivo dos acordos. A “moral da estória”, ou “metanarrativas de fundo” (MOTTA, 2013) a ser passada para o leitor é a de que o lado russo queria a paz e foi enganado por quem, por debaixo dos panos, queria fortalecer a Ucrânia para a guerra.

3’24” a 3’43” - “Então... espere um momento! Isso significa que os chamados ‘pacificadores’ tem clamado por guerra todos esses anos enquanto a Rússia procurava um caminho para a paz e para as repúblicas do Donbass de permanecerem parte da Ucrânia? Ouçam e julguem por si próprios se eles [Merkel, Hollande e Poroshenko] estavam mentindo ou falando a verdade”

Não há análogo em resposta, tampouco aprofundamento maior das declarações públicas das três figuras políticas sobre usarem os Acordos de Minsk para ‘ganhar tempo para armar a Ucrânia’. No material recolhido é explicado por se tratarem de comentários feitos no final do ano de 2022, enquanto as análises se dão com materiais do começo do ano de 2022. Contudo, tampouco foi encontrado nos sites e canais da BBC matérias sobre o assunto.

Figura 10 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração da ex-chanceler da Alemanha, Merkel, sobre os acordos de Minsk em 2015



Merkel: “Nós concordamos que os Acordos de Minsk são o que nós precisamos para alcançar uma solução pacífica. Essa é a nossa única ferramenta, e portanto devemos nos ater a eles [os acordos]”

Figura 11 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração do ex-presidente da França, Hollande, sobre os acordos de Minsk em 2015



Hollande: “Quando a chanceler Merkel se encontra com o presidente Putin, quando eu me encontro com o presidente ucraniano e seu primeiro-ministro, nós temos o mesmo discurso: respeito aos Acordos de Minsk! Nós dizemos isso com a mesma firmeza para cada parte [...] porque isso é a condição para a paz, a condição para uma solução.”

Figura 12 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração do ex-presidente da Ucrania, Poroshenko, sobre os acordos de Minsk em 2015



Poroshenko: “A única coisa que acordamos aqui hoje com o senhor presidente é uma coordenação clara e estrita de ação incondicional e rigorosa de todos em seguir, sem exceções, as cláusulas dos Acordos de Minsk”

Novamente, a RT traz a parcialidade do narrador citada por Trigo (2018), na qual o narrador apresenta aquilo que lhe é conveniente de elementos para a construção da teia narrativa que irá influenciar aquele que irá ouvir a versão da história. A RT novamente, sem fundamentação, traz ao telespectador que “a Rússia procurava um caminho para a paz e para as repúblicas do Donbass de permanecerem parte da Ucrânia” e que, ao comparar com o que os então líderes de Alemanha, França e Alemanha diziam à época, com o que disseram em declarações recentes sobre os acordos de Minsk à imprensa europeia, fica constatada a mentira deles sobre quererem a paz. A Rússia seria, portanto, uma ‘vítima de perfídia’ do Ocidente, representado pelos supracitados países da Europa.

4’26” a 5’04” - “Enquanto o mundo engolia toda essa ‘conversa’ sobre paz, o Ocidente estava militarizando e bombeando bilhões para a Ucrânia. O presidente russo, em múltiplas ocasiões, declarou que a Ucrânia estava se preparando para resolver o conflito no Donbass por meio da força bruta. Ele até mesmo forneceu informação de inteligência e a data exata antecipada da ofensiva massiva. Isso incitou

Não há análogo em resposta, tampouco aprofundamento maior dos das declarações públicas das três figuras políticas sobre usarem os Acordos de Minsk para ‘ganhar tempo para armar a Ucrânia’. No material recolhido é explicado por se tratarem de comentários feitos no final do ano de 2022, enquanto as análises se dão com materiais do começo do ano de 2022. Contudo, tampouco foi encontrado nos sites e

a Operação Especial Militar russa – desenhada para assegurar as vidas dos pacíficos civis e desmilitarizar a Ucrânia, cujos novos líderes ganharam um senso de invencibilidade graças ao multibilionário fluxo de armas e treinamento da OTAN”

Figura 13 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, declaração do presidente da Rússia sobre as responsabilidades da guerra na Ucrânia e os acordos de Minsk em 2022



Putin: “Essa guerra não foi iniciada por nós, foi iniciada em 2014 após o golpe [de Estado] na Ucrânia. Foi lançada pelas autoridades ucranianas para suprimir a vontade do povo do Donbass. Os ‘fiadores’ [dos Acordos de Minsk], França e Alemanha, se esqueceram que são ‘fiadores’. Eles precisaram retornar a situação para um processo legal para se ter eleições no Donbass – e isso não foi feito. A qualquer momento que relembro meus colegas sobre isso no telefone, eles não falam nada a respeito, visto que não tem nada a dizer”

canais da BBC matérias sobre o assunto.

De acordo com Wainberg (1992), as narrações dos cinejornais durante a Segunda Guerra Mundial tinham o desejo de condicionar o público a um entendimento sustentado de que a causa da nação no conflito era justa. Assim, podemos observar que Putin, ao tirar a culpa da deflagração

do conflito da Rússia e reiterar ser culpa dos países ocidentais que, segundo a narrativa russa, dolosamente foram omissos e cometiam o ato da perfídia contra a Rússia, não restou outra alternativa aos russos senão a de invadir a Ucrânia em uma chamada “Operação militar especial”. Outro elemento que indicaria a ‘justiça da causa russa’ é novamente evocar o fator do massacre de civis no leste da Ucrânia, agora acrescentando o argumento de que, de forma orquestrada, foram fortalecidos por Alemanha e França militarmente para tal. A causa russa, portanto, é salvar “civis pacíficos” do massacre que já ocorria e do que seria a ofensiva militar massiva que “suprimiria a vontade do povo do Donbass” por meio da força bruta.

5’51” a 6’13””: repórter indica que a Rússia pediu garantias para sua segurança aos países da OTAN e que a Rússia exigiu que países vizinhos a ela não recebessem armamento ofensivo para que não virassem ponto de ataque da OTAN contra seu território. “Mas isso foi negado de antemão”

Figura 14 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, citando algumas das garantias de segurança requisitadas pela Rússia junto à OTAN parte 1



“As garantias de segurança russas [junto à OTAN] incluíam: Exclusão de países da ex-soviéticos de ingressarem na OTAN; Exclusão de posteriores expansões da OTAN; [...]”

VID1: 2’50” a 3’59”- “O país [Ucrânia] não é um membro da OTAN, embora pleiteie a entrada no grupo, não há qualquer previsão de que isso ocorra num futuro próximo. Mas atualmente é um país parceiro, ou seja, há um entendimento de que possa ser autorizado a ingressar na Aliança em algum momento no futuro. [...] O que a Rússia queria eram garantias claras de que a Ucrânia nunca entraria para a OTAN, mas não conseguiu. [...] A única coisa que a OTAN negou foi um veto [à entrada da Ucrânia na Organização]. ‘A relação da OTAN com a Ucrânia será decidida pelos 30 aliados da OTAN e a Ucrânia e por ninguém mais’, disse o secretário-geral da organização, Jens Stoltenberg em dezembro de 2021. Depois, no fim de janeiro de 2022, o secretário de estado dos EUA, Antony Blinken, negou formalmente à Rússia que a demanda para barrar a Ucrânia seria atendida.”

VID1: 5’03””: “Outras demandas russas são limitações às tropas e armas que podem ser implantadas nos países que aderiram a essa Aliança após a queda da União Soviética e a retirada da infraestrutura militar instalada nos Estados do leste europeu após 1997”

Figura 15 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, citando algumas das garantias de segurança requisitadas pela Rússia junto à OTAN parte 2



“[...] Não instalar mísseis de médio e curto alcance fora de território nacional”

Figura 16 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, citando declaração de Wendy Sherman, Secretária Adjunta de Estado dos EUA, quanto ao não veto à Ucrânia para entrar na OTAN



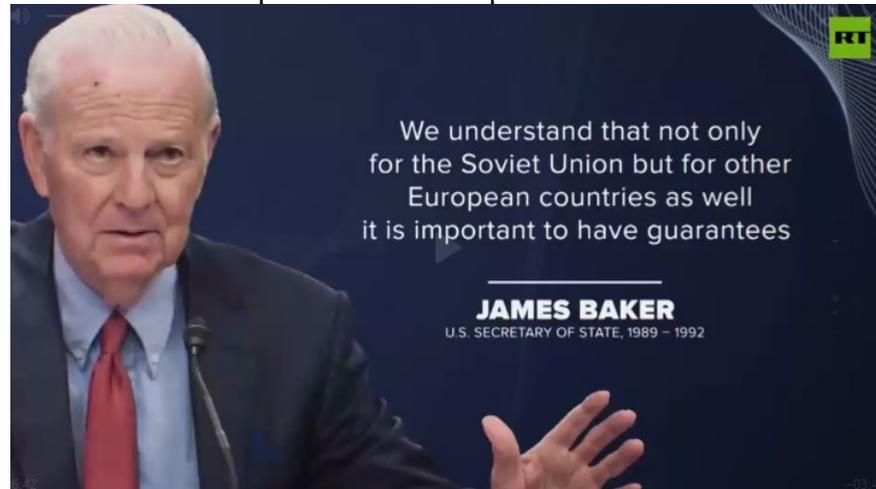
Sherman: “Juntos, os EUA e nossos aliados da OTAN deixaram claro que nós não fecharemos a porta da ‘política de portas abertas’ da OTAN”

BBC e RT abordam neste quadro a temática das garantias de segurança exigidas pela Rússia junto à OTAN nas negociações que antecederam a invasão da Ucrânia de maneiras objetivas, mas distintas. Enquanto a agência russa aborda as questões de segurança da Rússia com mais elementos, sem particularizar na Ucrânia e focar na expansão da OTAN como ameaça, a agência britânica foca na recusa da OTAN em vetar a Ucrânia e posteriormente, como uma questão marginal, aborda a expansão da OTAN e a retirada de infraestrutura militar de países vizinhos a Rússia.

6’24” a 6’39” - repórter: “Mas para a Rússia isso era uma linha vermelha que um interesse chave de segurança e o direito soberano do país de se defender foi ignorado. Assim como há 25 anos quando o Ocidente prometeu não expandir a OTAN ‘nem mesmo um centímetro’ para o Leste”

VID1: 3’59” a 6’06” - “A reação de Putin foi expressa pouco antes da invasão: ‘para os EUA e seus aliados é a chamada Política de Contenção da Rússia e de óbvios dividendos políticos e para o nosso país é uma questão de vida ou morte. É uma questão do nosso futuro histórico como povo. E não é um exagero, é assim mesmo. É uma

Figura 17 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, com suposto diálogo entre James Baker, ex-secretário Adjunto de Estado dos EUA, com o ex-presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev acordando a não expansão da OTAN parte 1



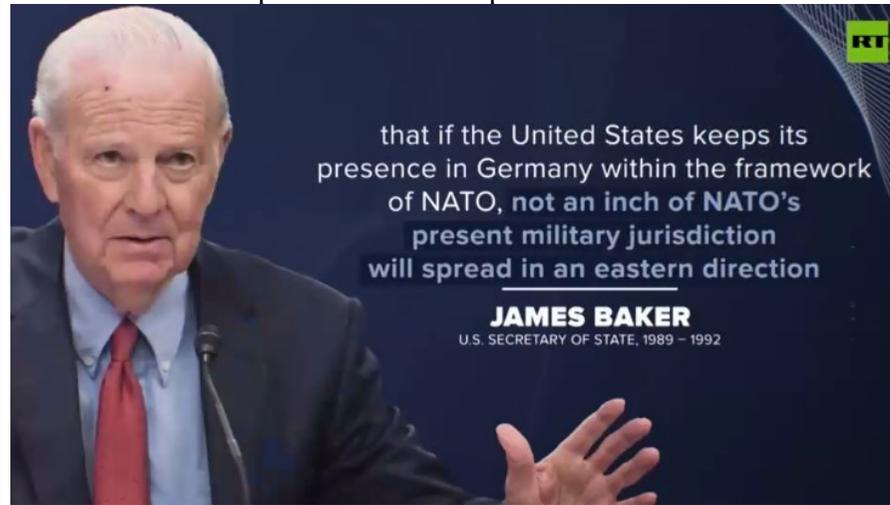
Baker: “Nós entendemos que não somente para a União Soviética, mas para outros países europeus também, é importante ter garantias [...]”

ameaça real não sou aos nossos interesses, mas à própria existência do nosso Estado e a soberania dele. É justamente a linha vermelha tantas vezes citada por mim. Eles a ultrapassaram’. [...] Putin argumenta há muito tempo que os EUA não cumpriram uma garantia que teria sido feita em 1990 de que a OTAN não se expandiria para o leste. Esse é um ponto central no discurso de Putin sobre uma espécie de traição da OTAN, que também teria se aproveitado de uma situação de fraqueza e vulnerabilidade da Rússia logo após o colapso da União Soviética para cooptar países que faziam parte do bloco comunista. Mas em uma entrevista em 2014, Mikhail Gorbachev rebateu a alegação de Putin. Gorbachev que era o líder da União Soviética na época do colapso disse que, de fato, a expansão da OTAN pelos países do leste europeu traía o espírito do que foi acordado naquela época, mas que nunca houve uma promessa específica sobre a expansão por parte da OTAN”

Figura 21 - Captura de tela de trecho de matéria da BBC, citando entrevista de Gorbachev à BBC em 2014 desmentindo alegada traição da OTAN ao alegado acordo de não expansão da Aliança



Figura 18 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, com suposto diálogo entre James Baker, ex-secretário Adjunto de Estado dos EUA, com o ex-presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev acordando a não expansão da OTAN parte 2



Baker: “[...] de que se os EUA mantêm sua presença na Alemanha dentro da estrutura da OTAN, nenhum centímetro da presente jurisdição militar se espalhará na direção oriental”

Figura 19 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, com suposto diálogo entre James Baker, ex-secretário Adjunto de Estado dos EUA, com o ex-presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev acordando a não expansão da OTAN parte 3



Gorbachev: “Nós pensaremos sobre isso. Nós pretendemos discutir todas essas questões no detalhe até o nível de liderança. É evidente que a expansão da esfera de influência da OTAN é inaceitável”

Figura 20 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, com suposto diálogo entre James Baker, ex-secretário Adjunto de Estado dos EUA, com o ex-presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev acordando a não expansão da OTAN parte 4



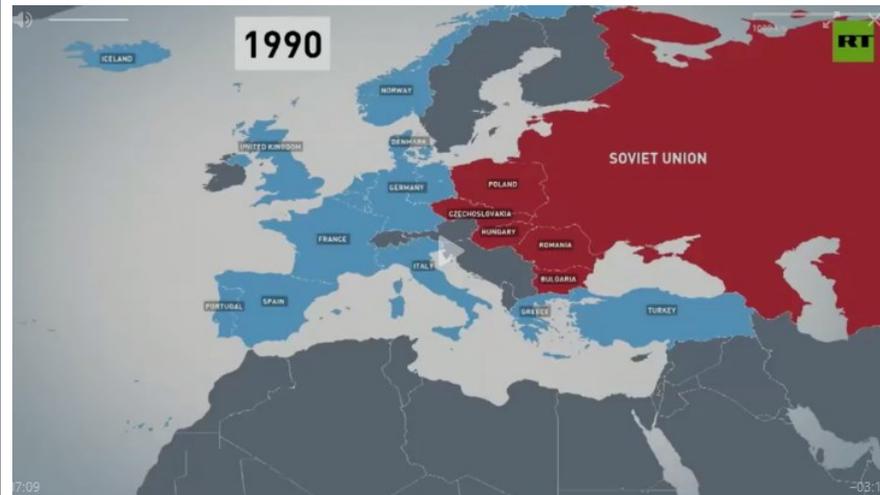
Baker: “Nós concordamos com isso”

RT e BBC abordam a expansão da OTAN e a questão da ‘traição’ dos países ocidentais para com a União Soviética de maneiras particulares. A RT aprofunda um suposto diálogo formal entre o então secretário de Estado dos EUA, James Baker, e Mikhail Gorbachev, líder à época da União Soviética, no qual teria sido acordado que a OTAN não se expandiria para leste. Contudo, tal diálogo não possui registros, com a agência russa apresentando-o ao seu público para reforçar o ponto da ‘traição’, mas sem fornecer fonte alguma. A BBC apresenta a fala de Putin na sua matéria sobre as linhas vermelhas da supracitada expansão, mas apresenta uma paráfrase de entrevista de Gorbachev em que ele nega ter havido um acordo formal de contenção da expansão da Aliança Atlântica e que a traição só se dá no âmbito do espírito do que foi

acordado na época. Trigo (2018) indica que todas as narrativas possuem elementos verdadeiros e mentirosos, assim como distorções e emoções, sendo isso feito com dolo ou de forma culposa.

7'07" a 7'17" - Repórter mostra que a “promessa” não foi cumprida e apresenta mapa da expansão da OTAN de 1990 a 2022. “Eles concordaram, disseram. Mas dê uma olhada no mapa e se questione se essas promessas valem alguma coisa. A OTAN mais que dobrou em tamanho”

Figura 22 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, mostrando tamanho da OTAN na década de 1990



VID1: 2'01" a 2'12" : “E se a gente avança pouco mais de três décadas nessa linha do tempo [da formação da OTAN e do Pacto de Varsóvia], vê o colapso da União Soviética em 1991 e 14 países do antigo Pacto de Varsóvia se tornarem membros da OTAN. Sim, o mundo dá voltas, aliados viram inimigos e inimigos viram aliados”

Figura 24 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, mostrando tamanho da OTAN na década de 1990 e atualmente

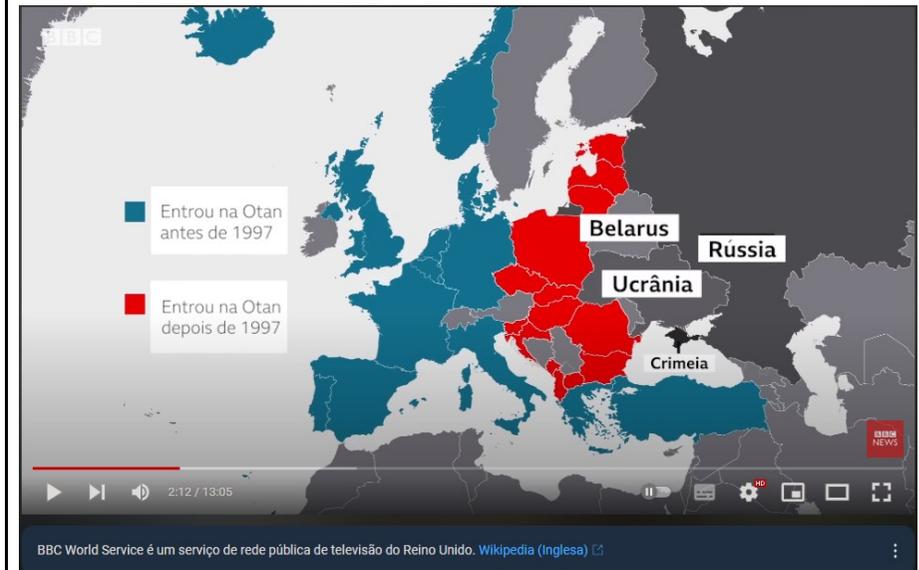


Figura 23 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, mostrando tamanho da OTAN atualmente



A agência russa, novamente, usa a parcialidade presente nas narrativas como indicado por Trigo (2018) e mantém o argumento da suposta promessa feita pela OTAN de não expandir para o leste da Europa, englobando países do antigo Pacto de Varsóvia – desmentido pela falta de evidências concretas e o relato de Gorbachev trazido pela BBC mostrado no quadro anterior. Novamente se observa a incidência de um elemento de manipulação da emoção do público, como indica Motta (2013) na busca por envolver o público na narrativa com a fala “Mas dê uma olhada no mapa e se questione se essas promessas valem alguma coisa. A OTAN mais que dobrou em tamanho”. Após reconfigurar os “acontecimentos-intriga”, segundo Motta (2013), “aparece uma ordem narrativa lógica, como em um enredo” e “o significado orgânico de cada episódio, os conflitos estruturantes, os papéis do agentes, heróis, vilões, adjuvantes”. Surge assim a mimese, que traz com ela a “moral da estória”: a RT constrói um enredo de vitimização da Rússia, traída, vítima de perfídia e com promessas quebradas pela Ocidente com relação a questões de segurança – nesse caso, a expansão da OTAN para leste. Já a matéria da BBC apresenta um quadro mais banal dessa expansão, indicando ser o ‘mundo dando voltas’ e um processo de reconfiguração geopolítica, sem fazer menção às implicações dessa expansão.

7’18” a 7’27”): Repórter volta a evocar as ‘revoltas’ na Ucrânia, os protestos na praça Maidan, que culminaram na queda de Yanukovich, dizendo que resultaram em uma tomada de poder “alimentada por nacionalistas extremistas”.

VID1: 6’50” a 7’40”): “As acusações de genocídio e nazismo feitas por Putin não são baseadas em qualquer evidência. O pano de fundo se refere às mudanças políticas na Ucrânia em 2014 e o conflito que se sucedeu nas regiões dominadas por grupos separatistas apoiados por Moscou no leste do país. A crise naquele momento foi detonada

Figura 25 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, mostrando os protestos de rua na Ucrânia em 2014



quando o então presidente, Viktor Yanukovich, bastante próximo da Rússia, caiu do cargo em meio a enormes protestos no país. O movimento teve origem justamente na recusa do presidente aliado dos russos em assinar um tratado com a União Europeia. Ou seja, um ato simbólico de lealdade à Rússia que levou milhares de jovens ucranianos às ruas contra o presidente. Parte majoritária dos ucranianos defendia a integração com o bloco europeu, mas outra parte fala russo e prefere estar sob a esfera de influência de Moscou.”

Sobre os protestos da praça Maidan em Kiev no ano de 2014, a BBC os classifica como mudanças na política ucraniana como consequência da ação do então presidente do país, Yanukovich, de recusar um acordo com a União Europeia. Os protestos de rua, que escalaram para violência, são descritos pela agência britânica como um evento “que levou milhares de jovens ucranianos às ruas contra o presidente” e implica que a maior parte do país deseja aproximação com a Europa, enquanto “a outra parte” que fala russo seria a dissonante querendo estar sob influência de Moscou. Já a RT, que anteriormente em sua matéria classificou como “golpe de Estado” patrocinado pelo Ocidente – sem citar as ações de Yanukovich quanto ao rompimento do acordo encaminhado com a UE que teria sido o catalisador das revoltas – também agrega o elemento de ter sido uma tomada de poder “alimentada por nacionalistas extremistas”, a saber “neonazistas”. Aqui também um elemento chave no discurso russo: neonazistas patrocinados pelo Ocidente derrubam por golpe de Estado um governo eleito democraticamente, sobe um governo ilegítimo ao poder com o apoio desses extremistas e com o apoio deles começa o massacre no Donbass de “civis pacíficos” que não queriam ter associação com tal governo. Esse processo de “retessitura da intriga” emergindo na ordem narrativa lógica com seus “heróis” e “vilões” é a mimese citada por Motta (2013).

7’32” a 8’07”): Na sequência, mostram-se imagens de bandeiras russas no ato de secessão da Crimeia em 2014, quando passou para o

VID1: 7’41” a 7’55”): “Muitos deles [apoiadores russos] estavam justamente na Crimeia e na região de Donbass, onde estourou o

controle de facto de Moscou, após um referendo local e ocupação militar russa – esse último não mencionado na reportagem. O repórter frisa que uma maioria esmagadora votou a favor da união com a Rússia e da separação da Ucrânia no referendo. O repórter diz que é uma decisão que muitos esperavam por décadas desde que o governo soviético transferiu a Crimeia da Rússia para a Ucrânia em 1954.

Figura 26 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, mostrando imagens de apoiadores da Rússia no referendo de anexação da Crimeia pela Federação Russa em 2014 parte 1



conflito naquela época. A crise levou à invasão da Crimeia em 2014 pela Rússia que anexou o território alegando laços étnicos e históricos”

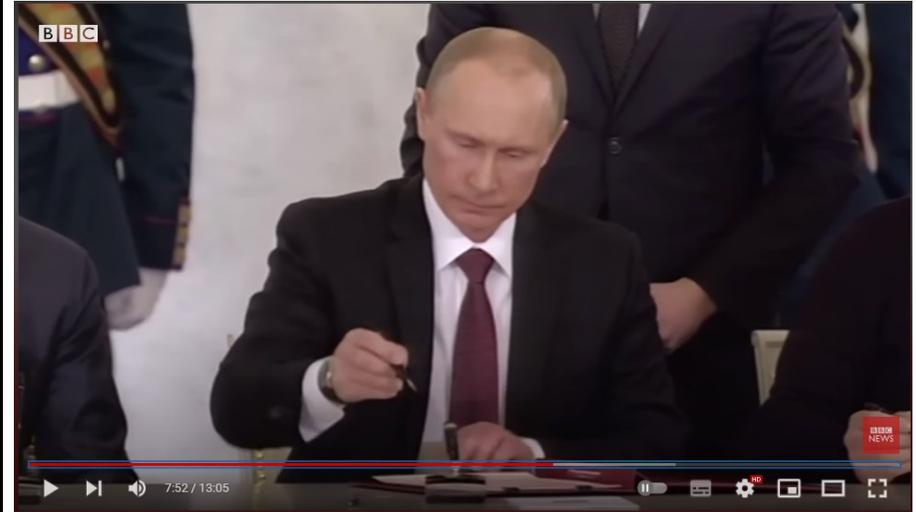
Figura 27 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, mostrando imagens de apoiadores da Rússia no referendo de anexação da Crimeia pela Federação Russa em 2014 parte 2



Figura 28 - Captura de tela de trecho de matéria da BBC, mostrando apoiadores da Rússia tomando de assalto edifícios públicos na região ucraniana do Donbass



Figura 29 - Captura de tela de trecho de matéria da BBC, Putin assinando a anexação formal da Crimeia pela Federação Russa em 2014



Sobre o evento de anexação da Crimeia, vemos que a agência britânica dá enfoque na ocupação militar da península pelas Forças Armadas russas, caracterizando aqui um evento de tomada da região em uma decisão monocrática por parte de Moscou. Não há por parte da BBC nos materiais analisados qualquer menção ao referendo popular que decorreu na localidade em que a união com a Rússia ganhou com quase 97% dos votos, representando cerca de 1.2 milhão de eleitores favoráveis. A reportagem da RT vai em caminho similar quanto à parcialidade, omissão de elementos e valorização de outros na construção da narrativa, como indicado por Trigo (2018). A agência russa não faz menção alguma à ocupação militar russa da península dias antes da organização do referendo e dá amplo enfoque na votação, na esmagadora margem de votos favoráveis e mostra várias imagens do apoio popular nas ruas crimeias antes da votação. Além disso, o repórter também acrescenta que era uma decisão que a população esperava desde a passagem da península para a Ucrânia em 1954 por decisão do governo soviético.

8'07" a 8'35": “Enquanto o povo da Crimeia experienciava uma transição relativamente suave as ruas de outras cidades como Odessa tornaram-se sangrentas enquanto protestos anti-Maidan foram reprimidos de forma violenta (pelo governo de Kiev). Em 2 de maio de 2014, 48 pessoas foram queimadas vivas enquanto foram

Não há menção nos materiais analisados da BBC sobre os eventos ocorridos na cidade de Odessa descritos pela reportagem russa.

encurraladas na Casa dos Sindicatos de Odessa, que foi incendiada por radicais pró-Kiev. Cerca de 250 pessoas mais foram feridas em confrontos na mesma área.”

Figura 30 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, com imagens de Odessa e a repressão aos protestos de apoiadores russos em 2014



Figura 31 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, relato de um residente de Odessa sobre a repressão aos protestos de apoiadores russos em 2014



8'35" a 9'03"- Relato de um residente de Odessa trazido por arquivos da RT: “Não eram simplesmente confrontos na cidade, mas incêndios criminosos e assassinato em massa. O prédio da administração [da cidade] foi incendiado, pessoas andavam em volta desse prédio atirando nele com rifles, lançando coquetéis molotov e outros dispositivos explosivos. Forças da lei foram mandadas para lá e apenas assistiam, não fizeram nada [para impedir]. A questão que se levanta é: Por quê? Porque não tinham ordens [para intervir] ou porque receberam uma ordem de que deveriam não intervir?”.

A RT traz com imagens de violência os eventos de Odessa no ano de 2014, que a reportagem classifica como uma repressão violenta de protestos anti-maidan por parte do governo, trazendo relato de um suposto residente da cidade que teria visto a repressão, os confrontos, o massacre que teria queimado vivas pessoas na Casa dos Sindicatos e a inação das forças da lei em coibir toda a situação que se desenrolava – implicando que foi um massacre orquestrado pelo governo ucraniano. A apresentação desses eventos, não presentes nos materiais analisados da BBC, indica o caráter contrahegemônico da RT, apresentando informações em inglês para o público internacional para assim desafiar um

consenso mantido pelas agências desses países para seu público, como dito por Rocchi (2017).	
9'03" a 9'19" - Repórter: “Quase 9 anos depois e ainda ninguém foi responsabilizado por essas atrocidades. Qualquer oitiva em corte judicial foram descarrilhadas pelos chamados ‘patriotas’. <u>A tragédia de Odessa tornou-se um ponto de não retorno que abriu a porta para uma guerra civil total</u> ”	VID1: 8'13" a 8'43" - “Nesse clima de anexação da Crimeia, rebeldes apoiados por Moscou declararam a independência das províncias de Donetsk e Luhansk, no leste da Ucrânia, localizadas em uma região conhecida como Donbass. [...] A Rússia já apoiava [antes da invasão de 2022] separatistas na região, que vive um conflito em que já morreram 14 mil pessoas desde 2014.”
Ainda segundo a reportagem da RT, não houve responsabilização dos culpados das “atrocidades” em Odessa, tendo havido inclusive abafamento de caso e boicote por alas “patriotas” da justiça ucraniana. Além disso, a reportagem atribui o que ocorreu em Odessa um significado de peso que “abriu a porta” da guerra civil total ucraniana. A BBC atribuiu a deflagração das hostilidades no leste da Ucrânia a um “clima de anexação da Crimeia” que teria sido sentido pelos “rebeldes” em Donbass, que os encorajou a declararem a independência das províncias de Donetsk e Luhansk – Odessa não é mencionada na reportagem. Como indica Rocchi (2017), a britânica BBC desempenha o papel de manutenção do consenso de que a Rússia fomentou a crise na Ucrânia, com apoio e ações diretas, enquanto a RT no papel contrahegemônico de informação para os públicos locais de países adversários geopoliticamente apresenta a Ucrânia como patrocinadora de massacres de civis que discordam do “golpe de Estado” apoiado pelos EUA e Europa.	
9'20" 10'05" - Repórter: “Veja a situação do ponto de vista da Rússia, se você conseguir, e se pergunte essas questões simples: Poderia Moscou deixar o povo do Donbass para trás, uma população que vem sofrendo por praticamente 9 anos e continua a morrer sob constante e indiscriminado bombardeio de artilharia pela Ucrânia até hoje? O Kremlin estava errado em não confiar no Ocidente e na OTAN que bombearam bilhões em assistência militar para Kiev durante todos esses anos? A Rússia está errada quando diz que a expansão da OTAN é uma ameaça direta de segurança, especialmente levando em conta que Washington nunca escondeu seus verdadeiros motivos?”	Não há um análogo comparativo nos materiais analisados da BBC.

Figura 32 - Captura de tela de trecho de matéria da RT, com declaração do ex-presidente do comitê de inteligência da câmara dos representantes dos EUA sobre a natureza do apoio à Ucrânia no ano de 2020



Adam Schiff, presidente do Comitê de Inteligência da Câmara dos Representantes dos EUA à época: “Os EUA dão assistência [militar] à Ucrânia e seu povo, para que lutemos contra a Rússia lá [na Ucrânia] e não tenhamos de lutar contra a Rússia aqui”

10’05” a 10’27” - Repórter: “Então, quem realmente provocou a guerra e incitou o ódio entre o povo da Ucrânia? A resposta é clara para as famílias de milhares de pessoas aqui em Donbass mortas pelo regime ilegalmente instaurado de Kiev. O ponto de não retorno foi cruzado há muito tempo!”

A reportagem russa finaliza com o que Motta (2013) cita como mimese, uma representação da realidade que atribui a ela o significado e dela

faz surgir a moral da estória, ou metanarrativas de fundo. São sumarizados os argumentos narrativas por meio de questionamentos ao telespectador, evocando os citados elementos do “massacre de civis pacíficos no Donbass” que não poderiam ser abandonados pela Rússia, o apoio Ocidental enviando armas e dinheiro para Kiev para prepará-la para uma guerra contra Moscou e a expansão da OTAN, que utiliza países da antiga órbita soviética como pontes de futuros ataques contra a Rússia por parte do Ocidente, este último com um trecho de declaração de uma autoridade do governo estadunidense dizendo apoiar a Ucrânia para que a ‘luta contra a Rússia’ ocorra no leste da Europa e não em solo estadunidense. Encerrando com questionamentos retóricos ao telespectador sobre de quem seria a verdadeira culpa pelo conflito armado que se desenrola na Ucrânia, novamente com os elementos contra hegemônicos de Rocchi (2017) presentes na comunicação da agência russa.

5 CONCLUSÃO

Com o objetivo de verificar as possíveis narrativas construídas acerca do conflito na Ucrânia, esta monografia selecionou dois expoentes de agências de notícias dos dois lados opostos que estão inseridos nas hostilidades no país do Leste Europeu, seja diretamente no teatro de operações como no caso da Federação Russa, ou indiretamente com apoio financeiro e militar, como é o caso do Reino Unido – um país Ocidental.

No capítulo 1 é apresentado o tema, a justificativa da pesquisa e os objetivos pretendidos por ela. No capítulo 2 é apresentada a discussão sobre o que é uma narrativa, a fim de balizar teoricamente aquilo que a pesquisa iria comparar posteriormente nas análises dos materiais selecionados.

O capítulo 3 apresenta as duas agências de notícias selecionadas, ambas pertencentes aos seus respectivos Estados (RT de propriedade da Federação Russa e BBC de propriedade do Reino Unido), trazendo o contexto de sua criação e o seu uso como grandes agências de notícias do Estado para repassarem a perspectiva (ou narrativa) alinhada à visão do governo na arena da geopolítica internacional.

Discute-se no capítulo também o conceito de Diplomacia Pública desempenhado por BBC e RT a serviço de seus governos para, além de repassarem a sua narrativa dos eventos globais e em especial do conflito ucraniano, ainda visam influenciar a opinião pública mundial melhorando a sua imagem, ganhando apoio para sua causa ou influenciando a opinião do público de um Estado ou bloco político a fim de que retirem apoio de medidas que firam os interesses do emissor da narrativa.

Além disso, no subcapítulo 3.1 é discutido como a ‘verdade’ historicamente é uma narrativa fabricada de acordo com o interesse dos detentores do poder para que alcancem seus objetivos ao criarem e/ou manterem um consenso em direção daquilo que desejam.

Discute-se também no 3.1 a relação da retirada dos espaços para contestação por meio do banimento das mídias russas das plataformas digitais e como isso é uma das manobras presentes para se evitar a quebra do consenso existente por meio das narrativas criadas pela grande mídia dentro dos países que recorreram a essas medidas.

Faz-se um paralelo com os cinejornais da época da Segunda Guerra Mundial – importantes ferramentas para passar a narrativa dos governos a respeito da ‘justiça da causa’ e

mobilizar a opinião pública em favor das ações do Estado (sendo característica presente nas democracias e nos regimes autocráticos à época).

No capítulo 4 é descrita a metodologia usada para a realização da presente pesquisa que compõe esta monografia, onde é explicado o percurso percorrido durante o processo de feitura da pesquisa desde o desenvolvimento do anteprojeto.

Também são abordadas as motivações que levaram à escolha do presente tema, desde um desejo pessoal por pretender seguir carreira como correspondente de assuntos militares, até a observação do banimento das mídias russas das principais plataformas de mídias sociais da internet – instigando a pergunta sobre qual versão da história estaria se tentando suprimir sobre o conflito na Ucrânia.

São abordadas também as mudanças sofridas pelo projeto, o escopo do que seria analisado e as razões disso.

É descrito o critério de seleção das emissoras pertencentes a seus Estados, RT e BBC, e pormenorizado em números o alcance e relevância de ambas a nível mundial, descrevendo suas variantes de distribuição de conteúdo em outros idiomas para além das línguas nativas de suas matrizes (o russo e o inglês), tendendo a querer espalhar a sua interpretação dos eventos globais para um público em escala mundial. Além de já terem participado de cobertura de conflitos, como a Guerra Civil Síria que está no portfólio de ambas e agora a cobertura das hostilidades na Ucrânia.

No subcapítulo 4.1 é descrito o que é uma pesquisa descritiva, a escolha pelos canais de mídia audiovisuais na internet das agências para coleta do conteúdo a ser analisado e como o conteúdo foi selecionado em cada respectivo meio de distribuição do material jornalístico em vídeo.

É descrito como é feita a comparação por meio de seleção de trechos dos materiais que tratassem do mesmo evento a fim de colocar lado a lado como foi descrito aquele ocorrido quando abordado pela agência russa RT e a britânica BBC. Para essa comparação, foi desenvolvido um quadro com duas colunas comparativas.

Após a análise foi possível observar que o choque das versões abordando os mesmos eventos se faz constante por praticamente quase todo o quadro comparativo dos materiais coletados.

Já desde o primeiro momento pudemos observar que o material da RT começa combativo contra o argumento narrativo de “agressão russa não-provocada” muito presente em declarações de líderes ocidentais ao se referirem à atuação militar russa na Ucrânia.

Podemos ver aí o que Rocchi (2017) se referia como elemento de discurso contra hegemônico produzido pelas mídias russas, inclusive quando o repórter busca se comunicar em inglês diretamente com a audiência internacional, contestando o que as autoridades ocidentais “têm dito a vocês por meses”.

A BBC em suas reportagens se propõe a tentar explicar à sua audiência internacional, no caso a brasileira, quais seriam os motivos que levaram à “invasão russa” à Ucrânia. Observamos uma manobra por parte da agência britânica de produzir uma linha narrativa no sentido de mostrar de maneira parcial o argumento russo, para então desconstruí-lo.

Contudo, o uso de termos pela britânica como “forças pró-Rússia”, “separatistas” e “rebeldes” demonstra o elemento narrativo consolidado nas mensagens de governos ocidentais, reproduzidas na BBC, de que os combates no leste da Ucrânia são somente um caso de milícias dissidentes que tentam se separar da Ucrânia pela via da força, apoiadas por um agente externo desestabilizador: a Rússia.

Já a abordagem da RT apresenta os eventos que decorrem em Donbass desde o ano de 2014 como uma reação de “civis pacíficos” a um governo ilegítimo que subiu por meio de um “golpe de Estado”.

Ambas as reportagens trazem os vieses de seus respectivos governos, principalmente no uso escolhido de certos termos para passar a mensagem consonante com àquela do seu Estado, caracterizando o elemento de Diplomacia Pública trazido no corpo teórico desta monografia.

O uso dos termos dá a força da narrativa e a parcialidade de BBC e RT ficam evidentes quando comparados o tratamento dado ao mesmo evento. Alguns exemplos são o uso da palavra “golpe de Estado” ‘patrocinado pelo Ocidente’ ao falar da queda de Yanukovich em 2014, enquanto a BBC trata o acontecimento como resultados de protestos de rua de jovens insatisfeitos com uma decisão tomada pelo governo.

Outro exemplo é a abordagem dada ao falar da questão da declaração de independência das regiões de Luhansk e Donetsk, tratadas como uma tomada violenta de poder por rebeldes pró-Rússia na BBC, enquanto a RT classifica como uma decisão popular em reação ao ‘golpe de Estado’ e a subida de um governo ilegítimo em Kiev.

A abordagem da RT tenta causar comoção na audiência estrangeira, abordando o que classifica de massacres de ‘civis pacíficos’ no Donbass pelo governo, mostrando imagens de alegados bombardeios de cidades nas autoproclamadas repúblicas do Donbass, enquanto o tema é tratado como uma reação legítima do governo ucraniano no combate a rebeldes apoiados por Moscou.

Foi possível identificar que tanto BBC quanto RT omitiram ou distorceram acontecimentos para favorecer suas narrativas. Um exemplo é a abordagem da BBC sobre a secessão da Crimeia, tratando somente como uma invasão da península e ocupação dessa, sem mencionar o referendo organizado no local em que quase 97% da população votou favorável pela união com a Rússia. Também não são mencionados eventos como o massacre em Odessa, com civis que protestavam contra o Euromaidan tendo sido queimados vivos na Casa dos Sindicatos daquela cidade, tampouco são mencionados os ataques ucranianos nas cidades de Donetsk e Lugansk.

Do lado da RT, há a apresentação de uma traição da Rússia pelo Ocidente de um suposto acordo que teria ocorrido entre a União Soviética e a OTAN sobre a não-expansão da Aliança para o leste, algo sem comprovação material alguma e que foi desmentido pelo próprio líder soviético à época (tendo isso sido mencionado na reportagem da BBC). A RT também não menciona as milícias do Donbass, que tomaram pela força pontos importantes de Donetsk e Lugansk e dá a entender que foi somente uma ‘decisão democrática’ da população local que acabou massacrada e violentamente oprimida por 9 anos.

Assim, podemos concluir que há elementos de Diplomacia Pública e criação de narrativas de lado a lado para persuadir uma audiência internacional sobre os eventos da Ucrânia, com ambas as empresas de notícias pertencentes aos seus Estados repassando a perspectiva dos eventos na Ucrânia de acordo com o discurso do seu Estado para uma audiência estrangeira a fim de convencê-la de que ‘a culpa da guerra é do outro lado’.

Por isso é importante para o jornalismo e a sociedade como um todo que o espaço para a contestação e o contraditório sejam preservados. Não foi verificada, nem no material da BBC, nem no material da RT, a idealizada ‘isenção jornalística’ ao lidar com os fatos, com omissões e distorções de acontecimentos se fazendo presentes.

Tolher do público a oportunidade de acesso a uma outra perspectiva do que se desenrola no conflito na Ucrânia é deixá-lo refém de uma interpretação parcial, torná-lo consumidor de uma narrativa, negá-lo o acesso a outros elementos que o fariam ter um melhor julgamento daquilo que decorre no leste da Europa e desestimular até mesmo a sua capacidade de senso crítico a respeito do que vê e lê, afinal, com só uma perspectiva sendo acessada por ele, não há o que refletir.

REFERÊNCIAS

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (org.). **Ukraine Refugee Situation**. 2022. Elaborada por Operational Data Portal. Disponível em: <https://data.unhcr.org/en/situations/ukraine>. Acesso em: 01 nov. 2022.

BBC. **BBC, 100 anos: 10 pessoas, momentos e objetos que marcaram história da empresa**. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63292455>. Acesso em: 05 jun. 2023.

BBC NEWS BRASIL. **Quais as razões por trás da invasão russa à Ucrânia?** YouTube, Youtube, 25 de fev. de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Csm_pduTXt0. Acesso em: 05 de jun. de 2023.

BBC NEWS BRASIL. **As origens históricas do conflito entre Rússia e Ucrânia**. Youtube, 25 de fev. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DC03uDjzG58>. Acesso em: 05 de jun. de 2023

CHOMSKY, Noam. **Mídia: Propaganda política e manipulação**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. Tradução de: Fernando Santos.

DAUBER, Cori E.. A Verdade Está Lá Fora: Resposta às Operações de Desinformação e Dissimulação dos Insurgentes. **MilitaryReview**, Leavenworth, v. 89, n. 3, p. 2-14, maio/jun. 2009. Bimestral. Disponível em: https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20090630_art001POR.pdf. Acesso em: 04 jun. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HENN, Leonardo Guedes. OS CORRESPONDENTES DE GUERRA E A COBERTURA JORNALÍSTICA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 26, n. 3, p. 670-686, 3 set./dez. 2013. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/6022/pdf_1. Acesso em: 23 nov. 2022.

LEYEN, Ursula von Der (org.). **Statement by President von der Leyen on further measures to respond to the Russian invasion of Ukraine**. 2022. Elaborado por Commission Spokesperson's Service. Disponível em: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/pt/statement_22_1441. Acesso em: 01 jun. 2023.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2004.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **METODOLOGIA CIENTÍFICA: um manual para a realização de pesquisas em administração**. Catalão: UFG, 2011.

PORTO EDITORA (Porto) (org.). **BBC na Infopédia**. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$bbc](https://www.infopedia.pt/artigos/$bbc). Acesso em: 04 jun. 2023.

ROCCHI, Denise de. Sputnik news e o discurso contrahegemônico russo. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 8., 2017, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. p. 1-11. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-1306-1.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2023.

RT. **Historical events that led to the start of the Ukraine conflict**. Rumble, 02 de jan. de 2023. Disponível em: <https://rumble.com/v23krp2-historical-events-that-led-to-the-start-of-the-ukraine-conflict-rt-report.html>. Acesso em: 05 de jun. 2023.

RUSSIA DIRECT. **Russian Soft Power 2.0. Russia Direct Quarterly Report**. Setembro de 2013. Disponível em: <https://www.russia-direct.org/russian-media/september-quarterly-russian-soft-power-20>, 2013. Acesso em 01 de jun. de 2023.

RUSSIA TODAY. **About RT**. Disponível em: <https://www.rt.com/about-us/>. Acesso em: 04 de jun. de 2023.

RT (org.). **About RT**. Disponível em: <https://www.rt.com/about-us/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

SPUTINIK (org.). **Quem somos**. Disponível em: https://sputniknewsbrasil.com.br/docs/quem_somos.html. Acesso em: 04 de jun. 2023.

TRIGO, Luciano. **Guerra de Narrativas: A Crise Política e a Luta pelo Controle do Imaginário**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018.

VENABLE, Barry E. O Exército e a mídia. **Military Review**. Leavenworth, n. 82, p. 68-73, jul./set. 2002. Trimestral.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

VINCENT, James. **YouTube blocks Russian news channels RT and Sputnik in Europe**. 2022. Elaborado por The Verge. Disponível em: <https://www.theverge.com/2022/3/1/22956114/youtube-blocks-russian-media-rt-russia-today-sputnik-europe>. Acesso em: 04 jun. 2023.

VISACRO, Alessandro. **Guerra na Ucrânia**. 2023. Elaborado por Editora Contexto. Disponível em: <https://blog.editoracontexto.com.br/guerra-na-ucrania-alessandro-visacro/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

WAINBERG, Jacques A.. A voz de Deus: um estudo da narração de cinejornais em tempos de guerra – a persuasão audiovisual de um povo. **Intercom - Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 144-166, jul./dez. 1992.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA REPORTAGEM DA RT “*Historical events that led to the start of the Ukraine conflict*”

0” a 10”:	O que realmente levou ao maior conflito armado da Europa desde a Segunda Guerra Mundial? Uma disputa que até agora levou à morte de milhares de civis pacíficos.
10” a 16”:	Washington e o Ocidente coletivo têm dito a vocês há meses sobre sobre "agressão russa não-provocada".
16” a 25”:	Entretanto, só custa um pequeno esforço e habilidades mínimas de pesquisa para descobrir que os eventos atuais foram produzidos há anos.
25” a 56”:	Em 2014 as Repúblicas Populares de Donetsk e Lugansk declaram independência após um golpe de Estado apoiado pelos EUA na Ucrânia. O novo governo não-eleito da Ucrânia em resposta foi começar uma alegada "operação antiterrorista" contra as autoproclamadas repúblicas. Os ataques aéreos de Kiev, bombardeio de artilharia e forças terrestres começaram uma guerra barbárica contra civis pacíficos em Donbass, que não queriam ter nenhuma relação com um governo que eles não viam como seus representantes.
1’18” a 1’37”:	Pouco depois as Repúblicas tornaram-se uma parte nos Acordos de Minsk, que delineava um caminho para a paz, assim como status especial dentro do Estado ucraniano. Mais importante, os acordos deveriam ter provido para um duradouro cessar-fogo. Não o fizeram. Civis pacíficos continuaram a sofrer.
1’47” a 1’54”:	“Hoje a Ucrânia pode ser ‘feliz’ e ‘orgulhosa’ de seus pilotos. Seu povo ‘civilizado’ que está engajando nestes atos [de violência]”.
2’ a 2’04”:	“Minha mãe foi morta, meu pai foi severamente ferido, eu o mandei para o hospital”.
2’15” a 2’31”:	Moscou se manteve firme demandando que Kiev cumprisse suas obrigações que estava quebrando de maneira regular ao bombardear áreas residenciais do Donbass. Mas como foi visto, Berlim e Paris não poderiam se importar menos com os Acordos ou com as vidas do povo do Donbass.
2’32” a 2’38”:	Os acordos foram nada além de uma tática de engodo que permitiu ao Ocidente bombear completamente a Ucrânia com armas.
2’38” a 2’51”:	“O acordo de Minsk de 2014 era uma tentativa de dar tempo à Ucrânia. A Ucrânia usou esse tempo para se tornar mais forte, como vocês podem ver hoje. A Ucrânia de 2014/15 não é a Ucrânia de hoje” (Angela Merkel, ex-chanceler da Alemanha, fonte: Zeit)
2’52” a 3’08”:	“Desde 2014, a Ucrânia fortaleceu sua postura militar. Isso é mérito dos acordos de Minsk que deram ao Exército ucraniano essa oportunidade. Assim, o tempo que Putin pensou ser um ativo, acabou por ser, de fato, uma oportunidade para os ucranianos” (F. Hollande, ex-presidente da França)
3’09 a 3’23”:	“Eu precisava dos acordos de Minsk para ganhar pelo menos 4 anos e meio para construir as forças ucranianas, para construir a economia ucraniana, para treinar as forças ucranianas ao lado das forças da OTAN. Para criar as melhores Forças Armadas da Europa Oriental de acordo com os padrões da OTAN” (P. Poroshenko, ex-presidente da Ucrânia)
3’24” a 3’43”:	Então... espere um momento! Isso significa que os chamados ‘pacificadores’ têm clamado por guerra todos esses anos enquanto a Rússia procurava um caminho para a paz e para as repúblicas do Donbass de permanecerem parte da Ucrânia? Ouçam e julguem por si próprios se eles [Merkel, Hollande e Poroshenko] estavam mentindo ou falando a verdade.

3'45" a 3'53": "Nós concordamos que os Acordos de Minsk são o que nós precisamos para alcançar uma solução pacífica. Essa é a nossa única ferramenta, e portanto devemos nos ater a eles [os acordos]" (Angela Merkel, ex-chanceler da Alemanha, em 10 de maio de 2015)
3'54" a 4'12": "Quando a chanceler Merkel se encontra com o presidente Putin, quando eu me encontro com o presidente ucraniano e seu primeiro-ministro, nós temos o mesmo discurso: respeito aos Acordos de Minsk! Nós dizemos isso com a mesma firmeza para cada parte, porque isso é a condição para a paz, a condição para uma solução" (F. Hollande, ex-presidente da França, em 19 de maio de 2015)
4'14" a 4'25": "A única coisa que acordamos aqui hoje com o senhor presidente é uma coordenação clara e estrita de ação incondicional e rigorosa de todos em seguir, sem exceções, as cláusulas dos Acordos de Minsk" (P. Poroshenko, ex-presidente da Ucrânia, em 22 de abril de 2015)
4'26" a 5'04": Enquanto o mundo engolia toda essa 'conversa' sobre paz, o Ocidente estava militarizando e bombeando bilhões para a Ucrânia. O presidente russo, em múltiplas ocasiões, declarou que a Ucrânia estava se preparando para resolver o conflito no Donbass por meio da força bruta. Ele até mesmo forneceu informação de inteligência e a data exata antecipada da ofensiva massiva. Isso incitou a Operação Especial Militar russa – desenhada para assegurar as vidas dos pacíficos civis e desmilitarizar a Ucrânia, cujos novos líderes ganharam um senso de invencibilidade graças ao multibilionário fluxo de armas e treinamento da OTAN.
5'05" a 5'34": "Essa guerra não foi iniciada por nós, foi iniciada em 2014 após o golpe [de Estado] na Ucrânia. Foi lançada pelas autoridades ucranianas para suprimir a vontade do povo do Donbass. Os 'fiadores' [dos Acordos de Minsk], França e Alemanha, se esqueceram que são 'fiadores'. Eles precisaram retornar a situação para um processo legal para se ter eleições no Donbass – e isso não foi feito. A qualquer momento que relembro meus colegas sobre isso no telefone, eles não falam nada a respeito, visto que não tem nada a dizer (Putin, presidente da Rússia, em 7 de dezembro de 2022)
5'34" a 5'51": Um mês antes da Operação Especial Militar da Rússia Washington enviou para mais de 200 mil libras de ajuda em equipamento letal e instrutores para a Ucrânia, enquanto demandava que Moscou retirasse tropas de território russo, seu próprio território ao longo da fronteira com a Ucrânia.
5'52" a 6'13": O Kremlin demandou então garantias jurídicas vinculadas que iriam vetar a expansão eventual ao leste [da Europa] por parte da OTAN e, portanto, a instalação de sistemas armas ofensivas em países vizinhos à Rússia. Por quê? Porque a Rússia não queria que países vizinhos a ela servissem como pontos de ataque contra seu território. Mas isso foi negado de antemão.
6'14" a 6'24": "Juntos, os EUA e nossos aliados da OTAN deixaram claro que nós não fecharemos a porta da 'política de portas abertas' da OTAN" (W. Sherman, secretária adjunta de Estado dos EUA em 12 de janeiro de 2022)
6'24" a 6'39": Mas para a Rússia isso era uma linha vermelha que um interesse chave de segurança e o direito soberano do país de se defender foi ignorado. Assim como há 25 anos quando o Ocidente prometeu não expandir a OTAN 'nem mesmo um centímetro' para o Leste.
6'40" a 6'55": "Nós entendemos que não somente para a União Soviética, mas para outros países europeus também, é importante ter garantias de que se os EUA mantém sua presença na Alemanha dentro da estrutura da OTAN, nenhum centímetro da presente jurisdição militar se espalhará na direção oriental" (fala atribuída a J. Baker, ex-secretário adjunto de Estado dos EUA)

6'56" a 7'05": "Nós pensaremos sobre isso. Nós pretendemos discutir todas essas questões no detalhe até o nível de liderança. É evidente que a expansão da esfera de influência da OTAN é inaceitável" (fala atribuída a M. Gorbachev, ex-líder da União Soviética)
7'05 a 7'07": "Nós concordamos com isso" (fala atribuída a J. Baker, ex-secretário adjunto de Estado dos EUA)
7'07" a 7'17": Eles concordaram, disseram. Mas dê uma olhada no mapa e se questione se essas promessas valem alguma coisa. A OTAN mais que dobrou em tamanho.
7'18" a 7'27": Agora de volta aos eventos de 2014 nos chamados "Protestos de Maidan" em Kiev que resultaram em uma tomada de poder que foi alimentada por nacionalistas extremistas.
7'29" a 7'38": A República Autônoma da Crimeia foi a primeira a cortar laços com a Ucrânia, com a população local votando majoritariamente em favor da independência e em virarem parte da Rússia novamente.
7'56" a 8'07": Agora, essa foi uma decisão que muitas aguardaram por décadas após toda a península ser transferida para a Ucrânia pelo governo soviético em 1954.
8'07" a 8'35": "Enquanto o povo da Crimeia experienciava uma transição relativamente suave as ruas de outras cidades como Odessa tornaram-se sangrentas enquanto protestos anti-Maidan foram reprimidos de forma violenta (pelo governo de Kiev). Em 2 de maio de 2014, 48 pessoas foram queimadas vivas enquanto foram encurraladas na Casa dos Sindicatos de Odessa, que foi incendiada por radicais pró-Kiev. Cerca de 250 pessoas mais foram feridas em confrontos na mesma área"
8'35" a 9'03": "Não eram simplesmente confrontos na cidade, mas incêndios criminosos e assassinato em massa. O prédio da administração [da cidade] foi incendiado, pessoas andavam em volta desse prédio atirando nele com rifles, lançando coquetéis molotov e outros dispositivos explosivos. Forças da lei foram mandadas para lá e apenas assistiam, não fizeram nada [para impedir]. A questão que se levanta é: Por quê? Porque não tinham ordens [para intervir] ou porque receberam uma ordem de que deveriam não intervir?"
9'03" a 9'19": Quase 9 anos depois e ainda ninguém foi responsabilizado por essas atrocidades. Qualquer oitiva em corte judicial foi descarrilhada pelos chamados 'patriotas'. A tragédia de Odessa tornou-se um ponto de não retorno que abriu a porta para uma guerra civil total.
9'20" 9'58": Veja a situação do ponto de vista da Rússia, se você conseguir, e se pergunte essas questões simples: Poderia Moscou deixar o povo do Donbass para trás, uma população que vem sofrendo por praticamente 9 anos e continua a morrer sob constante e indiscriminado bombardeio de artilharia pela Ucrânia até hoje? O Kremlin estava errado em não confiar no Ocidente e na OTAN que bombearam bilhões em assistência militar para Kiev durante todos esses anos? A Rússia está errada quando diz que a expansão da OTAN é uma ameaça direta de segurança, especialmente levando em conta que Washington nunca escondeu seus verdadeiros motivos?
9'58" a 10'05": "Os EUA dão assistência [militar] à Ucrânia e seu povo, para que lutemos contra a Rússia lá [na Ucrânia] e não tenhamos de lutar contra a Rússia aqui" (Adam Schiff, presidente do Comitê de Inteligência da Câmara dos Representantes dos EUA à época em 22 de janeiro de 2020)
10'05" a 10'27": Então, quem realmente provocou a guerra e incitou o ódio entre o povo da Ucrânia? A resposta é clara para as famílias de milhares de pessoas aqui em Donbass mortas pelo regime ilegalmente instaurado de Kiev. O ponto de não retorno foi cruzado há muito tempo! Roman Kosarev, RT, República de Donetsk.